J. KRISHNAMURTI

NÓS SOMOS O PROBLEMA

Conceitos

SÔBRE JIDDU KRISHNAMURTI E SUAS OBRAS

Tudo se encontra em Krishnamurti, tôdas as centelhas valiosas que já iluminaram o espírito dos pensadores e, entretanto, o que êle próprio diz não poderá ser encontrado integralmente nas obras de nenhum dos pensadores hodiernos.

RENÉ FOUÉRÉ

*

Sente a juventude a necessidade de uma inspiração nova, com raízes noutras esferas de pensamento que não as tradicionais. É precisamente esta a atitude do eminente pensador hindu J. Krishnamurti em face dos problemas atuais.

RÂM LINSSEN

*

Para os que querem afrontar o mêdo, o isolamento e a grande aventura de abandonar o "eu" à sua destruição... a mensagem de Krishnamurti pode bem ser uma revelação.

CARLOS SUARÉS

*

Krishnamurti, para mim, é o mais profundo dos psicólogos atuais; um psicólogo que leva a sua análise, sua investigação, até às últimas conseqüências; que convida cada um de nós a ser um psicólogo imparcial, sincero, honrado em si mesmo, sem vacilação alguma, nem temor dos resultados.

ARTURO MONTESANO DELCHI

*

Essas idéias (as do autor) têm inspirado igualmente a políticos como George Lansbury; a pensadores e cientistas como o Dr. Joh'annes Verweyen, professor de Filosofia da Universidade de Bonn, Alemanha, ou o etnologista americano, Dr. Edward Craighel Handy; artistas como o famoso maestro Leopoldo Stokowski, e também ao grande escultor francês, Antoine Bourdelle.

LILLY HELEER

*

Há muito que acompanho a pregação "sui generis" de J. Krishnamurti. Apesar de minha formação positivista, ou melhor, por isso mesmo... sempre li, com simpatia e respeito, os honestos ensinamentos por êle expendidos...

LUÍS HILDEBRANDO HORTA BARBOSA

NÓS SOMOS O PROBLEMA * J. KRISHNAMURTI

"NÓS" SOMOS O PROBLEMA

Se os mais recentes estudos de psicologia individual têm sido de grande valor para a compreensão da alma humana e dos recônditos motivos das ações de cada um, seus efeitos práticos não chegaram, ainda, a influenciar diretamente o comportamento do homem; porque, não obstante as suas faculdades de inteligência e raciocínio, permanece êle um ser contraditório e limitado por fraquezas inúmeras. Nem os preceitos morais, nem as doutrinas religiosas ou filosóficas, nem os tratados de Psicologia, inclusive a Psicanálise, que se propôs devassar as profundezas do inconsciente, têm atuado eficazmente para a libertação espiritual dos indivíduos. E, assim, continuamos, todos, na tormentosa hora atual, a viver desorientadamente, em completa frustração, sentindo a amargura da vida não realizada.

Numa época de tão pálidas perspectivas e tão propícia ao desânimo e à confusão dos espíritos é que o autor dêste livro está procurando despertar-nos o discernimento e a lucidez, de modo que divisemos com os próprios olhos a causa real de nossas freqüentes decepções. Essa visão direta, tão recomendada por Jiddu Krishnamurti, é-nos efetivamente indispensável, se de fato queremos compreender o significado de tôdas as coisas relacionadas à vida em si e à nossa existência em particular.

Mostra o autor que essa compreensão profunda só é alcançável mediante o auto-esclarecimento, ou seja com uma noção mais exata de nossa natureza íntima, porque êste, no seu sentir, é o único meio de nos tornarmos aptos à elevação espiritual e de achar aquilo que se oculta sob tôdas as preocupações, atos e pensamentos: a felicidade.

Efetivamente, agindo e reagindo, quase sempre, em função do estado de espírito momentâneo e, principalmente, das limitações próprias, cumpre tomarmos consciência de nós mesmos, que nos reconheçamos tais como somos, a fim de nos habilitarmos a pensar e agir com responsabilidade. Sòmente assim daremos com a origem de nossas falhas, porquanto é a auto-vigilância, e não a obediência a princípios doutrinários ou de outra qualquer espécie, que nos esclarece verdadeiramente, revelando-nos ser o "eu" pessoal, com as suas contradições e impulsos ávidos, o maior fator de nossos malogros e infortúnios.

Então, vem a têrmo a maior parte dos nossos problemas, logramos orientação e paz definitiva, porque, com os recursos do autoconhecimento, perceberemos que coisa ne-

nhuma, a não ser nós mesmos, poderá contribuir para a nossa serenidade, alegria íntima e bem-aventurança.

Eis o que nos fazem ver as lições de Krishnamurti, as quais, dirigindo-se às fôrças básicas do entendimento, suscitam no indivíduo o poder de educar-se a si mesmo e de descobrir por si, também, os autênticos valores.

Neste livro encontramos numerosas observações de grande alcance para conhecer-nos bem, observações psicológicas tão exatas e convincentes, tão poderosamente sugestivas, que nos acordam o desejo de iniciar uma experiência nova, uma conduta menos artificial e, portanto, mais promissora, no sentido da verdade. Porque só a verdade — di-lo o autor — significando uma percepção direta cada vez mais penetrante — nos ilumina realmente, só ela nos transmite a glória e o contentamento de viver.

E aqui está o mérito essencial dêste opúsculo : o de cooperar para a formação de mentalidades sãs, criadoras, humanas em alto grau, capazes de extrair de si os elementos da riqueza e plenitude próprias.

Mas não se iluda o leitor com estas simples explanações; os ensinos dêste psicólogo só podemos apreendê-los devidamente lendo-os no texto ou, antes, verificando-lhes o acêrto no domínio prático da vida quotidiana.

NÓS SOMOS O PROBLEMA interessa, pois, a todos sem distinção, porquanto, pelo seu intrínseco valor, pela originalidade e segurança de argumentação, é útil e benéfico a cada um de nós.

Se o homem de hoje se mostra insatisfeito, inquieto e cheio de temores; se vive sempre com os olhos no dia de amanhã, sonhando com uma ventura distante sem jamais concretizá-la, é porque insiste em ignorar a realidade. E a realidade, nas condições atuais do mundo, está na identificação humana com o egoísmo, a avidez, a sensualidade, que negam o bem duradouro.

Levando-nos a esta conclusão, afirma-nos Krishnamurti que a solução para esta crise reside em nós mesmos, e que tudo pode ser modificado, radicalmente transformado, se empreendermos, com imparcialidade e sutileza psicológica, o trabalho reeducacional do autoconhecimento.

Que sejam bem compreendidas e observadas as lições dêste sábio pensador, são os votos sinceros da editôra.

EDITADO PELA
INSTITUIÇÃO CULTURAL
KRISHNAMURTI

"NÓS" SOMOS O PROBLEMA

(Conferências, com perguntas e respostas, realizadas em Londres, em 1949)

J. KRISHNAMURTI

"NÓS" SOMOS O PROBLEMA

TRADUÇÃO DE
HUGO VELOSO

Editado pela
INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI
Av. Rio Branco, 117, sala 203
Rio de Janeiro (Brasil)
1952

I

Esta é a primeira palestra da série e, como a maioria dos presentes não poderá assistir a tôdas elas, farei o possível para que cada uma seja em si mesma completa.

Para a maioria de nós que temos problemas, a dificuldade consiste em procurarmos resolver cada problema no seu próprio plano. Não procuramos resolver o problema integralmente, como um todo, mas tentamos resolvê-lo de um determinado ponto de vista, ou procuramos diferençar ou separar o problema do processo total que é a vida. Se temos um problema econômico, queremos resolvê-lo no plano econômico, exclusivamente; e todo problema que procuramos resolver por essa maneira naturalmente não fica resolvido, porque a nossa vida não está dividida em compartimentos estanques: a nossa vida é um processo integral, tanto psicológico como fisiológico e, se tentamos resolver os problemas psicológicos sem compreender os fisiológicos, atribuímos aos primeiros importância indevida e, assim, complicamos ainda mais o problema. O que nos cumpre fazer, parece-me, é aplicarmo-nos a cada problema sem considerá-lo separadamente, mas, sim, como parte de um todo.

Pois bem; quais são os nossos problemas na vida? Pergunto-o, porque se me afigura que, se compreen-

demos a maneira correta de encararmos um problema, ficamos habilitados para compreender não só êsse problema, mas também o inteiro significado da existência. E aí é que está a dificuldade, não achais? — precisamos ocupar-nos de cada problema integralmente, considerando-o como um todo, em vez de o mantermos num nível separado, considerando-o de um determinado ponto de vista. Todo problema deve ser examinado como parte de um todo.

Como é possível tratar de um problema integralmente? Que entendemos por problema? Todos nós temos vários problemas, agudos ou superficiais, imediatos ou adiáveis. Somos tangidos por um sem número de problemas, sutis uns, bem evidentes outros. Qual a maneira correta de nos aplicarmos a êles, que entendemos por problema? E estamos bem conscientes de que temos problemas e da maneira como procuramos resolvê-los? Qual é a nossa atitude em relação ao problema?

Que entendemos por problema? Entendemos, sem dúvida, um estado no qual há conflito. Sempre que há conflito, consideramos êsse conflito como um problema, como algo que precisa ser dissolvido, compreendido, resolvido, ou algo de que desejamos fugir. Nessas condições, nós só consideramos um problema, um conflito, com o desejo de fugir-lhe ou de acharlhe uma solução, não é verdade?

Mas a solução é diferente do problema, ou consiste ela em compreender-se o problema em si mesmo e não fora dêle? Sabemos muito bem que os que desejam fugir a um problema encontram inúmeras maneiras de o fazer — uns recorrem à bebida, outros aos divertimentos, às ilusões religiosas ou psicológicas, etc. É relativamente fácil encontrar um meio de fugir aos nossos problemas e de fechar os olhos a

êles, e é o que faz a maioria, pois não sabemos a maneira de os resolver. Temos sempre uma solução já pronta, de acôrdo com nossas crenças e preconceitos, de acôrdo com o que nos foi dito por um instrutor, um psicólogo ou outra qualquer pessoa. E com essa solução já pronta queremos resolver o problema. É claro que ela não o resolve, pois não passa de uma outra forma de fuga.

Parece-me, pois, que a compreensão de um problema requer, não uma solução já pronta, não um esfôrço para dar-lhe uma solução, mas, sim, que o consideremos diretamente, em si mesmo, o que significa aplicarmo-nos a êle sem o desejo de encontrar-lhe solução, se assim podemos expressar-nos. Em tal caso, a pessoa está diretamente em relação com o problema, ela *é* o problema, o problema já não está separado dela. A primeira coisa que devemos estabelecer é que o problema da existência, com tôdas as suas complexidades, não difere de nós mesmos. *Nós* somos o problema; enquanto o considerarmos como algo separado de nós, nosso esfôrço redundará inevitàvelmente em fracasso. Se, entretanto, considerarmos o problema como algo que é nosso, que faz parte de nós, que não está separado de nós, talvez sejamos então capazes de compreendê-lo de maneira significativa — o que indica, em essência, que só existe problema quando não há autoconhecimento. Se não compreendo a mim mesmo, se não compreendo tôda a complexidade do meu ser, nenhuma base tenho para pensar. O "meu ser" não se acha em nível especial, por certo. O "meu ser" está em todos os níveis, seja qual fôr o nível em que eu o coloque. Nessas condições, enquanto eu não tiver compreensão do meu ser, enquanto o não entender de maneira integral, significativa — tanto o meu ser consciente

como o inconsciente, tanto o superficial como o oculto — faltam-me, evidentemente, os meios para resolver o problema, seja êle de ordem econômica, social, psicológica, seja de outra qualquer.

O autoconhecimento representa o comêço da compreensão do problema. A crença, as idéias, o saber, nada disso tem significação real se nos falta o autoconhecimento. Se falta o autoconhecimento, essas coisas nos conduzem à ilusão, a complicações e estultícias de tôda ordem, nas quais é tão fácil refugiar-nos — e, de fato, o fazemos, a maioria de nós, sutilmente. Eis a razão por que ingressamos em tantas associações, tantos grupos, tantas organizações restritas, exclusivistas, tantas sociedades secretas, etc. Não é da própria natureza da estupidez o espírito de exclusão ? Quanto mais néscio o indivíduo, tanto mais exclusivista, religiosa ou socialmente; e o exclusivismo, seja no que fôr, gera sempre seus próprios problemas.

Parece-me, por isso, que a nossa dificuldade de compreender os numerosos problemas com que nos defrontamos, tanto os sutis como os mais evidentes, resulta da ignorância de nós mesmos. Somos *nós* que criamos o problema; nós, que fazemos parte do ambiente, e algo mais que só poderemos descobrir se compreendermos a nós mesmos. Afirmar que somos algo mais, algo divino, espiritual; que em nós existe algo eterno, uma certa essência espiritual — tudo isso, assim me parece, é òbviamente ilusão, visto ser pura verbalização de alguma coisa que não conhecemos. Podeis ter um sentimento, uma sensação; mas tal coisa não é um "fato", uma realidade. O que é fato, o que é realidade, precisa ser descoberto, precisa ser conhecido pela experiência. Mas, para que se possa experimentar alguma coisa profundamente,

fundamentalmente, é necessário não haver crença alguma; porque, se tendes alguma crença, o que experimentais é por ela condicionado. A crença gera sua própria experiência, e por conseguinte, não é verdadeira. É simples reação condicionada a um estímulo.

Assim sendo, para se compreenderem os nossos inumeráveis problemas, não é essencial o autoconhecimento? E esta é uma das coisas mais difíceis: estar consciente de si mesmo — o que não significa isolamento nem retraimento. Decerto, conhecer a si mesmo é uma coisa essencial; mas isso não exige retraimento da vida de relação. Seria êrro, indubitàvelmente, julgar uma pessoa que só pode conhecer a si mesma, de maneira significativa, completa, integral, pelo isolamento, pela exclusão, ou apelando para êste ou aquêle psicólogo ou sacerdote; ou julgar que é possível aprender o autoconhecimento nalgum livro. O autoconhecimento é, òbviamente, um processo e não um fim; e para se conhecer, o indivíduo precisa estar consciente de si mesmo, em atividade, isto é, em relação com outros. Descobris a vós mesmos, não no isolamento, não na segregação, mas, sim, na vida de relação — nas relações com a sociedade, com a espôsa, marido, irmão, com o homem, enfim. Mas, para compreenderdes a maneira como reagis, a natureza de vossas reações, necessitais de uma extraordinária vigilância da mente, uma extraordinária agudeza de percepção.

Por conseguinte, como todo problema é o resultado de um processo total, e não um resultado exclusivo, isolado, para compreendê-lo, o problema, precisamos compreender o nosso processo total; e para compreendermos a nós mesmos, — não apenas superficialmente, numa ou duas camadas da mente superficial, mas penetrando todo o conteúdo de nossa cons-

ciência, de nosso ser — para compreender isso, plenamente, significativamente, é mister que o percebamos e experimentemos nas nossas relações com outros. Podemos dar às nossas relações um caráter exclusivo, estreito, limitado, obstando assim ao autoconhecimento; ou podemos considerá-las, estar conscientes delas como um todo, como meio de autoconhecimento. Não padece dúvida que é só no processo de nossas relações que o "eu" pode revelar-se — não é verdade? A vida de relação é um espelho no qual me vejo tal como sou; mas, como em geral não gostamos daquilo que somos, pomo-nos a disciplinar, positiva ou negativamente, aquilo que percebemos no espelho da vida de relação. Isto é, descubro algo, nas minhas relações com outros, na atividade da vida de relação, e êsse algo não me agrada. Começo então a modificar essa coisa de que não gosto, essa coisa que me parece desagradável. Desejo modificá-la — o que significa que já tenho um modêlo daquilo que eu deveria ser. Se já tenho êsse modêlo, falta-me a compreensão daquilo que sou. Se já tenho um retrato daquilo que desejo ser, ou deveria ser, ou não deveria ser — um padrão segundo o qual desejo modificar-me — então, naturalmente, não tenho compreensão do que sou no momento em que estou em relação.

Acho muito importante compreender isso, pois me parece que é aqui que a maioria se desvia do rumo certo. Não queremos saber o que realmente somos, num dado momento de nossa vida de relação. Se só nos importa o aperfeiçoamento pessoal, não existe a compreensão de nós mesmos, daquilo que "é". Só vos interessa alcançar resultados; e todo resultado alcançado redunda sempre em insuportável monotonia, porque não nos conduz a coisa alguma. Conhecer o que sou, e não o que eu *deveria* ser, é dificílimo, pois a

mente é muito sutil e seu maior empenho é evitar "o que é". Foi por isso que ela criou os diferentes padrões, modelos e pressupostos que negam "o que é". Assim, para compreendermos o nosso ser, que não é uma coisa morta, porém muito viva, devemos aplicar-nos ao seu estudo de maneira nova e ativa, sem a asserção de um padrão pelo qual nos aferimos, positiva ou negativamente.

Nessas condições, para compreendermos a nós mesmos — o que só é possível na vida da relação, e não fora dela — não deve haver condenação. Se condeno uma coisa, não a compreendo; se aceito uma coisa, não a compreendo. Aceitação significa mera identificação com o problema, sendo que a negação ou a condenação constitui uma outra forma de identificação. Mas, se nos é possível examinar o problema sem condenação e sem justificação — isto é, examinar o problema de nós mesmos, tais como somos na vida de relação, que é ação, — é-nos dada então a possibilidade de descobrir e compreender "o que é".

Como nossos problemas são o resultado do processo total de nós mesmos, o qual significa ação, em nossas relações com as coisas, as idéias ou as pessoas, necessária se torna — não achais ? — a compreensão de nós próprios. Se não conheço a mim mesmo, não tenho base real para pensar. Posso pensar, pelo menos *penso* que posso pensar; posso ter opiniões, ter inúmeras crenças, pertencer a esta sociedade. àquela organização ou igreja, ter uma erudição imensa. Mas, sem dúvida, nada disso é base para pensar corretamente. Tudo isso só conduz à ilusão. Leva-nos a novos conflitos, a maior confusão. Por conseguinte, para pensar corretamente é essencial o autoconhecimento, não achais ? — o que significa que deveis

conhecer a vós mesmos *tais* como sois, de momento em momento, que deveis estar conscientes de tudo o que se passa, de tôdas as reações íntimas a todo estímulo exterior, a tôda e qualquer experiência. Mas não podeis compreender a vós mesmos, de maneira cabal, completa, profunda, ampla, se nutris qualquer espécie de crença, se aderis de alguma forma a qualquer experiência de ontem. Para compreenderdes o que quer que seja, precisais de uma mente renovada — não de uma mente cheia de preconceitos, entravada pela experiência. Porque, para compreenderdes a vós mesmos, precisais descobrir a vós mesmos. Essa descoberta, evidentemente, só pode dar-se minuto a minuto, e requer, portanto, continuidade — e não apenas pensamento condicionado a um determinado padrão, por mais nobre, ou por mais absurdo e estúpido que êle seja.

Vê-se, pois, que não é coisa fácil tomar pleno conhecimento do significado de uma determinada experiência, que é um estado de relação. Para isso torna-se necessária uma mente sobremodo vigilante e penetrante. Mas a mente se embota com o apêgo a uma experiência passada, embota-se pela crença. Como disse, a experiência segundo uma crença só tem o efeito de condicionar a mente, e essa experiência, embora proporcione satisfação e agrado, evidentemente limita aquêle extraordinário e amplo autoconhecimento que resulta da consciência das reações na vida de relação; porque, se tendes uma experiência e se vos apegais a essa experiência, que é memória, e com êsse pensamento condicionado, com essa lembrança, ides ao encontro de um novo desafio, é claro que não podeis compreendê-lo. E a vida de relação, por certo, é desafio, não achais ? A vida de relação não é uma coisa estática. E, porque não somos capa-

zes de enfrentar êsse desafio adequada e plenamente, temos problemas. Porque somos nacionalistas, católicos, protestantes, budistas, ou sabe Deus o que mais, ou porque pertencemos a esta sociedade ou àquele grupo — e tudo isso é limitativo — somos incapazes de enfrentar o desafio que surge a todo momento; pois, para enfrentar um desafio, necessita-se de perfeito autoconhecimento. Depender da memória ou de uma experiência passada, como meio de descobrirmos a nós mesmos, limita, é evidente, o nosso pensamento e a nossa percepção. Porque, afinal de contas, que é que estamos procurando, a maioria de nós? Apesar de têrmos os nossos problemas, nossas preocupações econômicas, apesar da imensa falta de segurança, das guerras, das impertinências do nacionalismo, do exclusivismo dos numerosos cultos e religiões, e do nosso próprio desejo de ser exclusivistas — apesar de tôdas essas coisas estúpidas, o que é que estamos realmente procurando? Se pudermos sabê-lo, talvez sejamos capazes de compreender. Porque sempre procuramos de acôrdo com nossa idade, de acôrdo com a fase e as circunstâncias de nossa vida.

Através de tôda essa confusão, não estamos à procura de algo permanente, algo duradouro, algo que chamamos o real, Deus, a Verdade — ou como quiserdes chamá-lo? — O nome não importa, a palavra não é a coisa, por certo. Logo, não nos deixemos prender por palavras. Deixemos isso para os conferencistas profissionais. Mas existe de fato, por parte da maioria de nós, uma procura de algo permanente, não é verdade? — algo a que nos possamos apegar, algo que nos dê uma segurança, uma esperança, um entusiasmo duradouro, uma certeza imorredoura, pois, dentro de nós, estamos tão cheios de incerteza. Não conhecemos a nós mesmos. Sabemos de muitas coisas,

de muitos fatos que os livros nos deparam; mas, por nós mesmos, nada sabemos, não temos experiência direta.

E que é isso que chamamos permanente? Que é isso que procuramos e que nos dará ou esperamos que nos dê a permanência? Não estamos em busca de felicidade duradoura, de satisfação incessante, de certeza permanente ? Queremos algo que dure para todo o sempre, algo que nos dê satisfação. Se nos despojamos de tôdas as palavras e frases, e olhamos a coisa realmente, vemos que é isso mesmo o que queremos. Queremos prazer permanente, satisfação permanente — coisas que chamamos Verdade, Deus, etc.

Está visto, pois, que buscamos o prazer. Talvez eu o esteja expressando muito cruamente, mas é isso, de fato, o que nós queremos — um saber que nos dê prazer, uma experiência que nos dê prazer, um prazer que não se desvaneça de hoje para amanhã. E já experimentamos várias formas de prazer, mas êsse prazer sempre esvaeceu; esperamos agora encontrar uma satisfação permanente na realidade, em Deus. É isso, por certo, o que todos nós estamos procurando: o talentoso e o estúpido, o teórico e o prático que luta por alcançar alguma coisa. Mas, existe satisfação permanente ? Existe alguma coisa perdurável ?

Ora, se buscais a satisfação permanente, chamando-a Deus, Verdade, ou o que quiserdes — o nome não importa — precisais por certo compreender, não é verdade ? — precisais compreender a coisa que estais procurando. Quando dizeis: "Procuro a felicidade perene — Deus, a Verdade, etc." — não necessitais de compreender *quem* procura, *quem* pesquisa, *quem* indaga ? Porque é bem possível que não exista tal coisa, segurança permanente, felicidade permanente. A verdade pode ser de todo diferente; e

creio que ela *é* totalmente diversa de tudo quanto podeis ver, conceber ou formular. Nessas condições, antes de nos pormos à procura de algo permanente, não é óbvia a necessidade de compreender aquêle que procura? *Quem* procura é diferente da coisa procurada? Ao dizerdes "Estou à procura da felicidade", *quem* procura é diferente do objeto de sua busca? O ser pensante é diferente do pensamento? Não constituem os dois um fenômeno conjunto, e não processos separados? Conseqüentemente, torna-se necessário, — não achais? — compreender *quem* procura antes de tentarmos descobrir aquilo que procura.

Eis a razão por que me parece tão essencial, tão importante, que o indivíduo compreenda a si mesmo; porque nêle próprio está contido todo o problema e todo o resultado. Declarar ou pensar que vós sois o fim, que sois o absoluto, que sois Deus, que sois isso ou aquilo, é, òbviamente, uma verbalização que vos oferece fuga e através da qual, de fato, fugis. Dizer que sois ou que não sois o real ou o falso, nenhuma significação tem, já que não tendes base para pensamentos dessa ordem, pois só podeis pensar corretamente quando conheceis a vós mesmos. Para conhecerdes a vós mesmos precisais estar perfeitamente conscientes de cada movimento do pensamento; então, descobrireis se o ser pensante é diferente de seu pensamento. Se *é* diferente, deparam-se-nos, então, os numerosos e complexos problemas sôbre a maneira de controlar o pensamento e começa, aí, a estupidez do disciplinamento — as meditações, o confronto entre o ser pensante e o pensamento. Mas existe um ser pensante diferente de seus pensamentos? O ser pensante não é o pensamento? Os dois não estão separados, mas, sim, constituem um processo unitário. Por conseguinte, nós *somos* pensamento, e não há

um ser pensante a elaborar pensamentos. E tal deve ser uma experiência direta, — a percepção de que o ser pensante é o pensamento; e quando ocorrer uma tal experiência, perceberemos, então, que há uma possibilidade de transcender o pensamento.

Porque, afinal de contas, o pensamento é ùnicamente a resposta, a reação da memória; e o que a memória cria, fabrica, projeta, não é o real. Deus não é resultado da memória, da educação, do fato de pertencer a esta ou àquela sociedade, ou de crer neste ou naquele dogma. Tôdas essas coisas são meros resultados do pensamento, que é reação da memória, da experiência. Mas, para descobrir se existe realidade, se existe Deus, é necessário, evidentemente, que comprendamos a nós mesmos, em primeiro lugar, e não que especulemos sôbre se há ou não há Deus; porque tôda especulação é desperdício de tempo.

Logo, para compreendermos os problemas que se apresentam a cada um de nós, por mais complexos e por mais sutis que sejam, cumpre, sem dúvida, compreender que êles não são algo que está fora de nós, algo que está fora de nosso pensamento — mas, sim, que tais problemas são o processo ou o resultado de nós mesmos. O mundo somos nós; êle não está separado de nós. O problema do mundo é meu problema, é vosso problema, e não uma coisa para ser tratada separadamente. E para resolver êsses problemas — não superficialmente, não temporàriamente, porém fundamentalmente, de maneira duradoura — é necessária a compreensão de nós mesmos; e para compreendermos a nós mesmos, requer-se percebimento sem escolha, na vida de relação. Percebe, então, o indivíduo a si mesmo tal como é, podendo, então, entrar no problema de maneira mais completa, mais profunda. Mas, se encobris o que sois, pela condenação,

pelo confronto, peia identificação, não há compreensão, restringe-se o processo do autoconhecimento. Só na compreensão de si mesmo, tanto da parte consciente como da inconsciente; só quando a mente está tranqüila, e não quando foi *posta* tranqüila — só então há possibilidade de descobrir, experimentar ou conhecer o real.

Daí a importância da meditação; não essa meditação em que geralmente nos comprazemos, que é mera compulsão, ou aproximação de uma idéia, ou disciplinamento no sentido de aquietar a mente, o que é pueril, pois a mente não pode ser aquietada. Quem pode fazer a mente tranqüila? Todo esfôrço dessa natureza conduz à ilusão, da qual trataremos oportunamente. Mas, quando a mente está tranqüila, não como resultado de compulsão, não mediante qualquer forma de aproximação; quando ela não é compelida, não é forçada, não é obrigada a aquiescer; quando a mente está realmente tranqüila em virtude da compreensão de seu próprio processo — só então existe possibilidade de descobrirmos aquilo que é eterno. Não tendes então de procurar a Verdade; procurar a Verdade é negar a Verdade, visto que não se pode procurar a verdade: ela tem de vir a vós; e só pode vir quando a mente está tranqüila — não quando foi *posta* tranqüila, mas quando *está* tranqüila. E a quietude, a tranqüilidade, a serenidade decorre do autoconhecimento.

Fizeram-me várias perguntas e vou tentar responder a algumas delas.

PERGUNTA: *Vai haver outra guerra, e quando?*

KRISHNAMURTI: Desejais uma predição de mim? Quereis porventura proteger os vossos interêsses? Ora, porque se faz uma pergunta dessas? Não

sabeis se vai ou não vai haver guerra? — Não pergunto se o sabeis pelos jornais ou pelos vossos guias políticos — pois, afinal de contas, vós escolheis os guias de acôrdo com a vossa confusão: quanto mais confusos estais, mais guias tendes; quanto menos confusos, quanto mais esclarecidos estais em vós mesmos, de menos guias necessitais. — Pergunto se não sabeis *por vós mesmos* se vai ou não vai haver guerra.

Que significa para nós a palavra guerra? A guerra não é apenas êsse morticínio dramático e espetacular que conhecemos; essa é a última conseqüência. Não vivemos em guerra contínua com nós mesmos e, por conseguinte, com o nosso ambiente, com os nossos semelhantes? Certamente não é preciso que se vos diga que estamos em guerra. Assim como somos, assim moldamos o mundo. A guerra é inevitável, enquanto formos nacionalistas: se vós sois inglêses e eu hindu, é inevitável a guerra. Enquanto existirem fronteiras, governos soberanos, exércitos separados, fatalmente há de haver guerra. Já que existem divisões sociais e econômicas, o exclusivismo das diferentes castas e classes, há de haver guerra, seguramente.

Todos nós sabemos disso. Porventura já lêstes uma ou duas obras históricas e adquiristes um conhecimento superficial da História. Conheceis as causas visíveis da guerra: uma nação que quer ser superior a outra, um grupo que se sente inferior a outro, os preconceitos: o branco, o prêto, o pardo, o roxo — o que quer que seja. Como pensais que surgiu tudo isso? Evidentemente, o que *nós* somos, nós projetamos. O mundo é o resultado de nós mesmos, da projeção de nós mesmos. Nessas condições, tem de haver guerra enquanto formos nacionalistas, enquanto formos exclusivistas em nossas crenças, ainda que "tolo-

rantes". A tolerância é uma criação da mente, uma invenção dos astutos. Se amais, nada há que "tolerar". Só quando vós e eu já não estivermos vinculados a castas e classes; quando já não estivermos presos a religião alguma, a nenhuma crença organizada, pequena ou grande; só quando já não vivermos ávidos de poder, de posição, de autoridade, de confôrto — só então haverá a paz. A paz não é produto da legislação; não será alcançada por intermédio das Nações Unidas. Como pode uma lei externa tornar-vos pacífico? Como pode a compulsão exterior forçar-vos a amar? E se contais com uma autoridade externa que vos faça pacífico, que vos faça benevolente, não ávido, estais à espera de uma coisa que nunca acontecerá. A guerra, portanto — quer no nível físico, quer num nível diferente da consciência, tudo dá no mesmo — a guerra, o conflito é inevitável, enquanto estivermos, vós e eu, lutando por alcançar a nossa própria segurança, por meio do nacionalismo, por meio da crença, por meio das ilusões. Estamos, apenas, a perpetuar o conflito dentro de nós mesmos e, conseqüentemente, o projetamos no exterior.

Todos nós sabemos dessas coisas. Qualquer pregador de esquina fala a seu respeito. Mas nós não somos pacíficos e não deixamos ainda de ser ávidos. Ainda que não tenhamos a avidez de dinheiro, somos ávidos noutros sentidos: queremos mais coisas, mais poder, mais auto-expansão, queremos *ser algo* no presente ou no futuro. Êsse critério de progresso hierárquico, ou social, ou espiritual, denota evidentemente um processo que, ao fim, produzirá conflito e guerra, destruição e miséria. Todos nós sabemos disso, mas não indagamos porque essas coisas continuam a existir. É por certo muito mais importante descobrir por-

que não *vivemos* as coisas que sentimos. Provàvelmente não as sentimos. Talvez estejamos vivendo apenas no nível verbal, quando dizemos: "É preciso acabar com a guerra. Acreditemos na fraternidade e ingressemos em organizações que crêem na fraternidade". Mas, interiormente, somos tão corrompidos como o homem que, sentado em seu gabinete, planeja a guerra — pois queremos *ser* alguém, na família, num grupo, na sociedade, na nação. Ambicionamos o poder. Não nos contenta ser nada, porque somos arrastados pelo desejo de estimulantes externos, de aparato exterior, porque interiormente estamos vazios — e isso nos horroriza. Por essa razão, vivemos a amontoar posses — sejam idéias, sejam coisas. E é justamente quando nos contentamos em "ser nada" — o que no fundo não significa o contentamento resultante da satisfação, da letargia, da estupidez — só quando nos contentamos com o que é, o que requer uma compreensão extraordinária de tôdas as vias de fuga, só então haverá paz.

PERGUNTA: *Que é preconceito? Como é possível dominá-lo eficazmente? Qual é o estado mental completamente livre de preconceitos?*

KRISHNAMURTI: Pode-se dominar um preconceito? Dominar alguma coisa implica a necessidade de voltar sempre a dominá-la. Pode-se dominar, realmente, um preconceito? Ou o triunfo representa apenas a substituição de um preconceito por outro? Positivamente, o problema não é como dominar o preconceito — porque isso significa uma mera busca de substituição; o que se precisa é compreender plenamente o processo do preconceito, as conseqüências

do preconceito, não apenas verbalmente, no nível verbal da mente, porém de maneira fundamental e profunda. Há então a possibilidade de ficarmos livres do preconceito. Mas, se lutais por dominar um preconceito, ou vários preconceitos, estais, nesse caso, meramente procurando dominar um estado doloroso a que chamais preconceito, um obstáculo a que chamais preconceito.

Vejamos: que entendemos por preconceito? Quando é que há um estado livre de preconceitos? Como nasce o preconceito? Òbviamente, uma das causas é a chamada educação. Os livros da História estão cheios de preconceito. A literatura religiosa é tôda preconceito — a crença instilada pouco a pouco; e essa crença, fabricada já na infância, gradualmente se transforma em preconceito. Vós sois isso e eu sou aquilo. Sois protestante e eu hindu. Logo, a minha crença entra em choque com a vossa crença. Vós procurais catequizar-me, converter-me, e eu vou tentar a mesma coisa convosco. Ou, somos "tolerantes": eu fico com a minha crença, vós ficais com a vossa e procuramos viver amigàvelmente um com o outro. Isto é, eu fico na minha fortaleza de preconceito, vós ficais na vossa, e nos olhamos por cima dos muros e procuramos ser amigos. A isso se chama "tolerância", mas no fundo é intolerância. É em verdade a maneira mais absurda de tentar viver amigàvelmente. Como podemos ser amigos, como podemos ter a verdadeira afeição, se vivo no meu preconceito e vós no vosso?

Conhecemos, pois, as várias causas do preconceito: a ignorância, propositadamente cultivada, gera os preconceitos, pela educação, pelas influências ambientes, pela religião, etc.; e há, além disso, nosso próprio desejo exclusivista, o desejo de estarmos pro-

tegidos nas nossas crenças. Positivamente, é óbvia a maneira como nascem os nossos preconceitos. Gostamos também de pensar em têrmos de raças ou nacionalidades, já que isso requer menos esfôrço do que tratar os outros como sêres humanos. É mais fácil lidar com as pessoas quando temos preconceitos. Chamando-as alemães, hindus, russos, negros, etc., pensamos que o problema está resolvido. Mas, dar atenção a cada pessoa, individualmente, exige uma grande soma de pensamento, uma grande soma de esfôrço; e, como não desejamos tal coisa, dizemos: "Ora, vamos chamá-los "assim" — e com isso julgamos tê-las compreendido.

Sabemos, pois, por que nascem os preconceitos, como são gerados para nossa própria proteção, o que representa um processo de isolamento. É muito mais fácil odiar, ter preconceitos, ser limitado; e é isso o que somos, a maioria. Vós pertenceis a esta ou aquela sociedade, o que é uma forma de preconceito. Acreditais que vossa experiência é superior à minha, ou tão boa quanto a minha, e por isso vos mantendes na vossa experiência. Tudo isso denota — não é verdade ? — formas de preconceito, formas de exclusão, de defesas de autoproteção, mui cuidadosamente cultivadas. Como podeis dominar os preconceitos ? Tentar dominá-los é procurar-lhes substitutos; porque, quando não temos preconceito algum, somos extremamente vulneráveis, extremamente sensíveis, e sofremos muito mais. Conseqüentemente, no intuito de nos protegermos, levantamos muralhas, "projetadas" de nós mesmos ou criadas para nós por outros e por nós aceitas. Tentar dominar preconceitos significa encontrar outros meios de proteção mais agradáveis, mais instrutivos, mais cultos. Mas essas coisas são ainda preconceitos.

Estar livre de preconceito é viver num estado de incerteza, num estado de insegurança. Precisamos, contudo, compreender o que entendemos por insegurança. É óbvio que necessitamos de segurança física, nos limites razoáveis, pois do contrário seria de todo impossível viver. Mas negamos essa segurança física quando buscamos a segurança psicológica — e é o que estamos fazendo. Quando queremos estar psicològicamente seguros, no nacionalismo, numa crença numa determinada sociedade esquerdista ou direitista — é êsse desejo psicológico, êsse desejo interior de certeza, de segurança, de dependência, que cria a insegurança exterior. E só quando a mente está livre de reações de autoproteção, reações internas de autoproteção, só então é que existe a possibilidade de ficarmos livres de preconceitos.

"Qual é o estado mental livre de preconceito?" — essa é a segunda pergunta. Porque o desejais saber ? Acho que o desejais saber com o intuito de "experimentá-lo" e convertê-lo, assim, num padrão, num objetivo a atingir; ou, ainda, desejais compreender o que significa estar livre, o que significa ter a mente livre de reações de autoproteção. Para chegardes a essa compreensão, deveis ter experiência direta — e não apenas escutar as minhas palavras ou as de outro. Isto é, deveis estar conscientes de vosso processo de pensar e sentir, — não apenas quando êle porventura é aprazível, mas a tôdas as horas; o que significa, realmente, que para vos libertardes de preconceitos — que é uma reação de autoproteção, reação essa cultivada por vós ou instintivamente criada — é necessário terdes consciência do processo total do vosso ser. Mas é tarefa vã especular sôbre qual seja o estado mental livre de preconceito, não achais? Nessas condições, o que nos é possível fazer, em vez

de ficarmos a interrogar-nos qual é o estado da mente, quando livre, é compreender a nós mesmos. E para compreendermos a nós mesmos, precisamos de um percebimento inteiramente livre de compulsão, isento de justificação ou condenação — uma consciência tranqüila, sem vestígio algum de temor. Nesse estado assiste-se ao desenrolar do pensamento e do sentimento. E, aí, com a mente tranqüila — mas não *posta* tranqüila — dá-se-nos a possibilidade de descobrir aquilo que é atemporal.

2 de outubro de 1949.

II

Provàvelmente, a maioria de nós tem opiniões definitivas ou chegou a conclusões decisivas, sendo-nos muito difícil desviarmo-nos delas ou ver qualquer outro ponto de vista; porque quase todos nós temos vivido em circunstâncias dolorosas, temos sofrido, chegamos a determinados pontos de vista que julgamos difícil modificar; e se alguma vez prestamos atenção às palavras de outrem, fazemo-lo sob a proteção de nossas próprias conclusões, nossas experiências, nossos conhecimentos e, em tais condições, torna-se dificílimo compreendermos perfeitamente o que outra pessoa nos diz. Permiti-me, porém, uma sugestão: devemos deixar de lado, por ora, ou pelo menos nesta manhã, nossas conclusões e pontos de vista pessoais e aplicar-nos, juntos, ao estudo dos problemas que nos desafiam. Vamos encontrar dificuldades, porque sempre desejamos conclusões, queremos soluções para os nossos problemas. Todavia, se pudermos examinar cada problema que surge, de maneira suficientemente inteligente, o que significa sem o entrave das conclusões, sem opiniões definitivas, então, estaremos provàvelmente em condições de compreender o problema de maneira completa, integralmente.

Um dos problemas de nossa vida é o que se refere ao indivíduo e sua relação com o Estado. Se formos

capazes de compreender todo o processo do indivíduo, talvez estejamos aptos para compreender nossas relações não apenas com uma ou duas pessoas, mas com a multidão, a massa, a nação, o povo como um todo. Ora, esta divisão entre o Estado e o indivíduo parece-me errada; porque, afinal de contas, o que nós somos, fazemos que o Estado seja. Nós projetamos o que somos. Poderá parecer isso uma filosofia simplista, uma idéia simples e desmerecedora de atenção; porque nossas mentes são tão complicadas, lemos tanta coisa, somos tão inteligentes, tão espertos, que é impossível pensarmos num problema com simplicidade. Entretanto, a meu ver, precisamos pensar neste problema sobremodo complexo de maneira muito direta e simples; porque, afinal de contas, um problema só pode ser compreendido na íntegra se o encaramos negativamente. E, ao compreendermos o indivíduo e seus processos, chegaremos, talvez, a compreender a relação do indivíduo com o Estado, a massa, ou outro indivíduo.

Assim, pois, o problema da relação entre o indivíduo e o Estado só pode ser compreendido sob a condição de compreendermos o processo do indivíduo; porque, sem o indivíduo, o Estado não existe. A massa é coisa inexistente. Ela é um instrumento político, útil para certos fins, como a exploração, etc. E também, no tocante à maioria de nós, ao falarmos de "massa" estamo-nos servindo de um meio muito cômodo de nos eximirmos de considerar as pessoas. Porque o observar um indivíduo, o observar mais outro, exige muita atenção, esfôrço mental e consideração, e para isso falta-nos vontade; por essa razão chamamos os indivíduos "a massa" — quando a massa somos nós mesmos, vós e eu.

Para se compreender no seu todo essa *projeção* a que chamamos sociedade, com tôdas as suas complexidades, é necessário, sem dúvida, que compreendamos a nós mesmos. Mas, em geral, temos pouca vontade de compreender a nós mesmos; é um esfôrço fastidioso, sem efeitos estimulantes, e que julgamos destituído de grande significação. Pensamos, por isso, que a compreensão de nós mesmos não resultará em coisa alguma, — ao passo que, se pudermos trabalhar, se pudermos contribuir para a implantação de certas reformas, certas modificações na sociedade, isso talvez valha a pena. Reina, também, a impressão de que, buscando a compreensão de nós mesmos, tornar-nos-emos, inevitàvelmente, egocêntricos.

Positivamente, para compreender a si mesmo, completamente, para compreender o processo total do indivíduo, ou seja o que êle *é*, não é preciso isolamento, retraimento, mas sim compreensão da vida de relação; porque, afinal de contas, tôda ação é relação: não existe ação sem relação. Se, nas minhas relações com outro indivíduo existe antagonismo, avidez, inveja, se existem tôdas as múltiplas causas de conflito, criarei, sem dúvida nenhuma, uma sociedade que será o resultado de tais relações. Está visto, pois, que a compreensão de nós mesmos não é um procedimento egocêntrico; requer, ao contrário, consciência da vida de relação. Esta, por conseguinte, é o espelho no qual descubro a mim mesmo, em que me vejo — quer nas relações com um indivíduo, quer nas relações com a coletividade, a sociedade. E, se desejo uma transformação radical na sociedade, é claro que preciso compreender a mim mesmo.

Poderá parecer pueril, isso, e sem muita significação; mas não o acho muito fácil, nem acho, tão pouco, que o possamos fàcilmente desprezar.

Acaso, direis: "Como pode o indivíduo influir na História?" Pode o indivíduo, pela conduta de sua vida, fazer alguma coisa nesse sentido? Não creio que possais acabar com as guerras imediatamente, ou fazer nascer um melhor entendimento entre os povos. Mas, ao menos no mundo em que vivo, no mundo de minhas relações imediatas — sejam elas com meu patrão, com minha mulher, com meus filhos, ou com meu vizinho — aí, pelo menos, é-me possível efetuar uma certa reforma, uma certa transformação, uma certa compreensão. Posso não ser capaz de levar a efeito um entendimento com os russos, com os alemães, ou com os hindus; mas, pelo menos no mundo em que vivo, é possível fruir-se certa paz, alguma felicidade, amor, afeição, e tudo o mais. Creio ainda que, embora eu não possa influir no mundo todo, é-me possível pelo menos constituir um núcleo, um centro de valor diferente, com outra compreensão e significação; e quem sabe se isso não dará, gradualmente, numa transformação do mundo?

Mas — reconheçamo-lo — nós não estamos interessados na transformação do mundo, principalmente porque o que eu fizer, o que vós fizerdes, pouco efeito há de produzir. Se, porém, me fôr possível deixar de ser ávido, não de maneira superficial, porém profundamente, se me fôr possível deixar de ser ambicioso, talvez seja eu então capaz de dar um novo alento, uma nova compreensão à vida. E essa é, sem dúvida, a ação mais eficaz e mais direta, não achais? — operar uma transformação, uma modificação radical em si mesmo; pois, afinal de contas, é assim que começam todos os grandes movimentos: no próprio indivíduo, em mim mesmo. Assim sendo, as minhas relações ou as vossas relações, as relações do indivíduo com o Estado só podem ser compreendidas e

modificadas se compreendo o processo total do meu próprio ser.

Por favor, não desprezeis o que estou dizendo; não digais: "É infantil, é estúpido; isso não produz efeito algum no mundo". Que produz, então, efeito fundamental no mundo? Um movimento das massas? Ou tal efeito só é conseguido por uns poucos indivíduos que não são egocêntricos, egotistas, que não projetam os seus próprios interêsses e ambições — uns poucos verdadeiramente libertados de todo o egotismo?

Nessas condições, para compreender essa questão, precisa cada um conhecer o seu próprio *processo,* estar consciente de si mesmo em ação, que é relação. Compreendendo o que somos, encontraremos a solução dos muitos problemas com que nos defrontamos — compreendendo o que somos, não apenas à superfície, nos níveis superficiais da mente, mas tomando conhecimento de tudo o que se contém em nós, tanto o oculto como o evidente, tanto as camadas superficiais como as muitas camadas que ainda desconhecemos. Pode ser que delas *tenhamos conhecimento* em raros momentos; mas trazer para a consciência tudo o que está oculto e, assim, dissolver tôdas as intenções e todos os interêsses pessoais, egotistas, acanhados, estabelecendo dêsse modo a relação adequada, eis o que me parece extremamente importante. Na minha opinião, é a única coisa sôbre a qual vale a pena discutir, falar; é a única coisa que merece ser vivida: como ficar livre da avidez, não apenas superficialmente, mas também no íntimo. Porque ela é uma das causas do conflito, não é certo ? — a avidez não sòmente de coisas, de posses, mas também a avidez de poder, de saber, de prestígio. O compreender a avidez requer muita atenção, não para descobrir quem é

ávido, não para imitar o modêlo de quem não é ávido, mas, sim, para ficarmos sabendo que somos ávidos e investigarmos e observarmos tôdas as conseqüências da avidez. Porque, evidentemente, a avidez tem um efeito social: os indivíduos, quando ávidos, ambiciosos de poder, formam um grupo ou uma nação igualmente ávida de poder, de posição, de prestígio, uma nação provocadora de guerras.

É possível a um indivíduo libertar-se da avidez e viver numa sociedade que nada mais é que o resultado da avidez, da violência? Acho que esta pergunta só pode ser respondida mediante experiência direta; não quando verbalmente tentamos libertar-nos da avidez, mas, sim, quando temos a experiência, a verdadeira experiência, da "não avidez". Afinal de contas, a avidez se manifesta sob muitas formas — ânsia de verdade, avidez de posição, ambição de felicidade, avidez de coisas, de segurança. Será que a segurança física, exterior, nos é recusada quando não existe a segurança interior, a segurança psicológica? Será que não é possível viver neste mundo sem que cada um ande à procura da própria segurança? Afinal de contas, cada um de nós vive muito mais à procura de segurança psicológica que de segurança física. Servimo-nos das posses, das coisas, da segurança externa, como meios de segurança psicológica. Quando as necessidades físicas se tornam uma necessidade psicológica, então a necessidade psicológica destrói a segurança externa. É fácil descobrir-se isto — é uma coisa tão evidente. Enquanto eu estiver a servir-me das coisas, das posses, da propriedade, como meio de auto-expressão, como meio para uma existência agressiva de *projeção* pessoal, as necessidades se tornam sumamente importantes; começam, então, a predominar as coisas, a propriedade; porque eu me estou ser-

vindo das coisas, da propriedade, para minha segurança interior, minha segurança psicológica.

E, por que razão queremos gozar de segurança interior ? É essencial a segurança exterior, material, pois, do contrário, não podemos viver; nem vós nem eu poderíamos estar aqui, agora, se não nos alimentássemos normalmente. Precisamos de segurança exterior. Mas creio que nos é negada, destruída essa segurança exterior, logo que começamos a servir-nos dela como meio de expansão íntima, como incentivo interior à avidez. Porque então já não nos servimos das coisas como necessidade, porém atribuindo-lhes uma significação psicológica. Em tais condições, a propriedade se torna para nós um meio de sobrevivência psicológica. Afinal de contas, os títulos, as posições, os diplomas, as riquezas, são utilizados como meios — não é certo ? — como meios de sobrevivência psicológica, de certeza, de segurança psicológica. E enquanto estivermos à procura de segurança psicológica através das coisas, tem de haver disputa em tôrno das coisas.

É possível a uma pessoa viver em relação sem estar interiormente segura, psicològicamente certa ? Tal é o sentido que, em geral, damos às palavras "seguro" e "certo". A maioria de nós busca a segurança psicológica, independente da segurança física. Precisamos de segurança física, muita ou pouca, conforme o nosso ambiente, etc. Mas há necessidade de segurança psicológica ? Precisamos dela ? Embora estejamos procurando, embora nosso eterno empenho seja o de estarmos seguros interiormente, não é êsse um procedimento errôneo, uma maneira errônea de encarar a vida ? Existe segurança interior ? Nós podemos desejá-la — mas "haverá" essa coisa chamada segurança interior ? Quando eu desejo certeza nas rela-

ções — quer com uma idéia, com uma pessoa, quer com uma coisa — encontro segurança em tais relações, encontro nelas certeza interior ?

E se estou bem seguro nas minhas relações, existem verdadeiramente *relações ?* Se estou bem seguro a vossa respeito, como minha espôsa, meu patrão, ou meu amigo — seguro no sentido de estar-me servindo de vós como instrumento de minha própria segurança interior — existe alguma relação entre nós ? Existe relação entre vós e mim quando eu me utilizo de vós? Enquanto eu me estiver aproveitando de vós como meio de segurança interior, para mim próprio, qual a relação que existe entre nós? Sois apenas um utensílio para mim. Não estou em relação convosco. Sois uma peça de mobília para meu uso. Isto é, interiormente, psicològicamente, eu sou pobre, vazio, insuficiente; por essa razão sirvo-me de vós como de um apoio, como meio de fuga de mim mesmo. E a tal utilização damos o nome de amor, etc.

A essa fuga chamamos relação, quer se trate de relação com a propriedade, com pessoas, quer com idéias. E, sem dúvida, uma tal relação não pode deixar de criar conflito, sofrimento e desastres. E êsse é o estado em que vivemos — servindo-nos das pessoas, das coisas, como meio de encobrir nossa própria pobreza interior. Por isso, as coisas de que nos servimos assumem extraordinária importância; a pessoa, a propriedade, a idéia, a crença tornam-se importantíssimas — porque sem elas estamos perdidos. Por isso precisamos sempre de mais saber, mais gente, mais coisas. E, entretanto, o que nós somos, isso nunca chegamos a entender. E a mim me parece que, enquanto andarmos em busca de segurança psicológica, nunca chegaremos a compreender a nós mesmos. Mas, ao adquirirmos consciência de que nos estamos

utilizando das pessoas, das coisas, das idéias, para fugir de nós mesmos, surge uma outra espécie de relação. Aí, então, a pessoa, a idéia ou a coisa já não é importante em si mesma. Já não nos apegamos tanto às coisas, às pessoas; temos então uma maneira inteligente de encarar a questão da propriedade. Mas não posso considerá-la com inteligência, enquanto estiver utilizando a propriedade como meio de encobrir minha pobreza interior; porque, enquanto permanecemos apegados às coisas, nós *somos* as coisas. Enquanto estais apegados à propriedade, vós *sois* a propriedade, não sois uma entidade espiritual — isso é um engôdo. Enquanto estais apegados a uma crença, sois essa crença; enquanto estais apegado a uma pessoa, sois tal pessoa. — E vivemos assim apegados, desesperadamente apegados, porque em nós mesmos somos pobres, em nós mesmos somos nada; e porque tememos êsse vazio, agarramo-nos às coisas externas, às idéias, aos ideais projetados de nós mesmos.

Esta questão de relação, pois, não pode ser compreendida superficialmente, ou verbalmente, ou encontrada nos livros; seu significado integral, com tôdas as suas complexidades e sua profundeza extraordinária, só pode ser compreendido quando tomamos consciência de nossas relações com os outros. Tal seja essa relação, tal será a sociedade. Falar meramente a respeito de fraternidade nenhuma significação tem, se não nos compreendemos a nós mesmos. Podeis ingressar em sociedades, formar grupos pró-fraternidade; mas, enquanto continuardes a servir-vos da sociedade, ou das pessoas, ou das coisas, como meios para vossa segurança interior, estareis criando mais conflito, mais ilusão e mais dores neste mundo, da mesma maneira como o nacionalismo, utilizado como meio de cobrir nossa própria pobreza e de nos

identificarmos com uma determinada nação, conduz à guerra.

O que importa é que o indivíduo compreenda a si mesmo, e se ponha frente a frente consigo mesmo, com aquela pobreza que sempre evitamos, com aquêle vazio a que todos nos furtamos. E quando compreendermos isso, quando o experimentarmos na realidade, sem condenação, quando estivermos inteiramente relacionados com êsse vazio — só então haverá uma possibilidade de passarmos além e de descobrirmos o que é a verdade, ou o que é Deus.

Tenho aqui várias perguntas, vou tentar responder a algumas delas.

PERGUNTA: *Tenho lutado muito para deixar de beber, mas não posso. Que devo fazer?*

KRISHNAMURTI: Cada um de nós tem muitas maneiras de fugir. Um bebe, o outro segue um Mestre. Uns preferem o estudo, outros o divertimento. Tôdas as maneiras de fugir se assemelham, não achais? — se bebemos, ou se seguimos um mestre, ou se cultivamos o saber, é tudo a mesma coisa. Porque a intenção, o fim que se tem em vista é a fuga. Beber pode ter o seu valor social, e pode também ser mais nocivo; mas, não estou certo, absolutamente, de que as fugas através das idéias não sejam mais danosas, visto que muito mais sutis, mais ocultas e mais difíceis de perceber. O homem votado aos rituais, às cerimônias, não difere do homem que tem paixão pela bebida, porque tanto um como o outro estão buscando fuga através de estimulantes.

Julgo que só é possível parar de fugir quando o indivíduo se torna consciente de que está fugindo, de

que se está servindo de determinadas coisas — da bebida, dos Mestres, das cerimônias, do saber, do patriotismo, do que quer que seja — como estimulantes, como sensações, para fugir de si mesmo. Ora, existem muitas maneiras de deixar de beber. Mas, se deixardes de beber, apenas, começareis a dedicar-vos a outra coisa qualquer. Podeis tornar-vos nacionalista, ou adepto de um mentor que mora do outro lado do mundo, ou adotar idéias extravagantes.

Ora, é bem evidente a razão da fuga: Não estamos satisfeitos com nós mesmos, com nossas condições, externa ou internamente. E, assim, temos muitas maneiras de fugir. E pensamos que chegaremos a compreender e dissolver a fuga — a bebida — logo que lhe descobrirmos a causa. Quando conhecemos a causa da fuga, paramos de fugir ? Quando sei que bebo porque não me entendo com minha espôsa ou porque tenho um emprêgo detestável — ao conhecer essa causa, deixo de beber ? Decerto que não. Só deixo de beber quando estabeleço relações adequadas com minha mulher, com o meu próximo, afastando assim o conflito que me causa sofrimento.

Isto é, por outras palavras, enquanto eu procuro preenchimento, que traz sempre frustração, há necessidade de fuga. Enquanto me sinto frustrado, preciso encontrar uma maneira de fugir. Quando desejo *ser* alguma coisa — político, guia, discípulo ou Mestre, isso ou aquilo — enquanto desejo ser algo, estou abrindo a porta à frustração; e, como essa sensação é dolorosa, procuro uma maneira de evadir-me, seja na bebida, num Mestre, numa cerimônia, ou fazendome político — não importa qual seja o meio, todos são a mesma coisa.

Surge então a pergunta: existe o preenchimento? A pessoa, o "eu", pode ser alguma coisa, pode tor-

nar-se alguma coisa? E que é êsse "eu" que deseja tornar-se alguma coisa? O "eu" é um feixe de lembranças, uma concatenação de lembranças em reação ao presente; eu sou o resultado do passado em conjunção com o presente. E aquêle "eu" aspira a perpetuar-se, seja pela família, pelo nome, pela propriedade, seja pelas idéias. O "eu" é simplesmente uma idéia, uma idéia que me dá satisfação, que me proporciona sensações, e a uma coisa dessas a mente se apega; a mente *é* essa coisa. E enquanto estiver a mente no empenho de se preencher, como "eu", tem de haver frustração, evidentemente; enquanto eu fôr o centro de tôdas as coisas, dos meus pensamentos, das minhas reações, enquanto atribuir importância a mim mesmo, tem de haver frustração. Por conseguinte, tem de haver sofrimento, e dêsse sofrimento procuramos fugir através de inumeráveis caminhos. E todos os meios de fuga são da mesma natureza.

Assim sendo, não nos preocupemos com o meio de que nos servimos para fugir — sôbre se o vosso meio é melhor do que o meu. O importante é compreender que, enquanto uma pessoa tenta o preenchimento no campo do "eu", tem de haver infelicidade e luta; e êsse sofrimento não pode ser evitado enquanto a pessoa, o "eu", fôr importante.

Direis, porventura: "Que tem o hábito de beber com tudo isso? Não respondestes à minha pergunta sôbre como posso deixar de beber". — Penso que o problema da bebida, como qualquer outro problema, só pode ser compreendido e eliminado depois de compreendido o processo do "eu", isto é, quando temos autoconhecimento. E essa compreensão de nosso "eu" exige uma vigilância constante; não uma conclusão ou alguma coisa a que fiquemos apegados, mas, sim, constante percepção de cada movimento do pensa-

mento e do sentimento. Essa vigilância é fatigante e por isso dizemos: "Oh, não vale a pena". Empurramo-lo para o lado e, assim, aumentamos os nossos pesares e as nossas dores. Mas, positivamente, é só com a compreensão de nós mesmos como um processo total que, de fato, resolvemos os nossos inumeráveis problemas.

PERGUNTA: *Acho impossível crer em Deus. Sou cientista, mas não encontro satisfação na minha ciência. Não me posso forçar a crer em coisa alguma. É isso um caso de condicionamento? Em caso afirmativo, é a fé em Deus mais real? Como posso atingir essa fé?*

KRISHNAMURTI: Por que cremos? Qual é a necessidade de crer? Não estou dizendo que *não* devais crer — não é êsse o problema. Por que cremos? O crer só pode condicionar a experiência. Não há dúvida que, quando creio em uma coisa, experimento essa coisa. Se creio em Deus, hei de "experimentar" Deus. Mas tal experiência não representa a realidade; não passa de uma experiência projetada de mim mesmo.

Releva, pois, não é verdade? — descobrir porque cremos. Pode-se achar o que quer que seja com o auxílio da crença? Pode descobrir-se alguma coisa? Ou a mente só é capaz de descobrir algo quando não está prêsa, amarrada a uma crença, a uma conclusão? Mas, por que acreditamos em Deus? A razão evidente é porque percebemos que tôdas as coisas que nos rodeiam são transitórias; tudo o que nos cerca se transforma, se destrói, desaparece — nossos pensamentos, nossos sentimentos, nossa existência; e nós

desejamos algo que seja permanente, duradouro, eterno. Assim, ou nós criamos essa permanência em nós mesmos, chamando-a alma, *Atman*, ou como quiserdes; ou projetamos êsse desejo de permanência numa idéia, a que chamamos Deus.

As idéias nunca podem ser permanentes. Posso desejar que uma idéia seja permanente, mas, em si mesma, ela não é permanente. Posso desejar a permanência, mas, enquanto eu viver a desejá-la, estou criando uma permanência inexistente. E a crença, a fé em Deus, é pura reação por parte da pessoa que busca a permanência. Por êsse motivo essa crença lhe condiciona a experiência. Diz a pessoa: "Sei que existe Deus. Já experimentei êsse sentimento extraordinário". Mas, decerto, uma tal experiência, baseada no desejo de permanência, é uma experiência projetada da própria pessoa e, em tais condições, não é uma experiência da realidade. E o que é real só pode ser encontrado quando já não há a preocupação de procurar a segurança, a permanência, ou seja quando a mente está de todo tranqüila e livre de todo desejo.

Nessas condições, enquanto tivermos uma crença, nunca encontraremos coisa alguma. Assim, pois, para se encontrar o que é real, o que é Deus, ou qualquer que seja o nome que lhe deis, deve haver liberdade — precisamos estar livres do temor, livres do desejo de segurança interior, livres do mêdo ao desconhecido. E só então, por certo, estaremos aptos a "experimentar" o desconhecido, como quer que êle seja, e saberemos se existe Deus. Mas, se o homem que crê em Deus ou o homem que não crê em Deus se atém a essa conclusão, fica, naturalmente, cativo da ilusão. Só posso conhecer aquela "coisa", só posso compreen-

dê-la, experimentá-la diretamente, quando não sou egocêntrico, quando não estou condicionado pela crença, pelo temor, pela avidez, pela inveja, etc.

A crença, evidentemente, destrói a possibilidade de experimentar a realidade. E é muito difícil pensar-se dessa maneira, porquanto a maioria de nós está condicionada pela crença — tanto o cientista como vós e eu; porque todos nós encontramos satisfação numa crença. E se não encontro satisfação nas coisas, nas pessoas, nas idéias, crio então uma super-idéia, a que chamo Deus. A essa idéia me agarro, porque proporciona muito mais satisfação, muito mais confôrto. E, assim, a busca de satisfação tem de criar barreiras, inevitàvelmente, e a essas barreiras ficamos agarrados. Vós sois crente ou descrente; mas, se vós e eu desejarmos realmente compreender o que é a realidade, se desejarmos saber se existe Deus, se existe algo que não seja produto da mente, nem resultado de sensação ou da busca de satisfação — se desejamos encontrar uma tal coisa, torna-se então necessário que compreendamos o processo da sensação. Porque a crença nos dá sensações, tal como a bebida, e a elas nos apegamos; e as sensações são projeções do próprio indivíduo. Fabricamos com material de nossa mente a imagem de Deus e a ela nos apegamos.

Mas, se vós e eu desejamos realmente experimentar essa coisa inefável, que não é do tempo, não podemos ficar agarrados a crenças, que são imagens projetadas por nós mesmos; pois uma coisa que recebe nome não é o real, mas, sim, um produto da memória, do nosso condicionamento; e se tal coisa pertence ao tempo, constitui ainda uma parte da mente, porquanto a mente é o resultado do passado, de várias influências — sociais, ambientes, educacionais, etc. Assim, se compreendemos o processo do tempo,

o processo de nomear as coisas, se compreendemos as condições que em nós existem, as influências a que estamos sujeitos, essa compreensão nos trará a tranqüilidade da mente. Pois, como disse, a mente não pode ser *posta* tranqüila. Quando fazeis a mente ficar quieta, tendes então uma mente morta. Quando disciplinais a mente para aquietar-se, embora ela possa ficar superficialmente tranqüila, continua todavia num estado de agitação, qual uma criança posta a um canto, de castigo. Mas, logo que compreendemos integralmente o processo da crença, dos estimulantes, do desejo de segurança, da busca de permanência; logo que compreendemos a verdade contida nessas coisas tôdas, não apenas à superfície ou no nível verbal, mas pela experiência real — então, a mente *está* quieta, não precisais *fazê-la* quieta. Nada adianta aquietá-la. *Vós* sois a mente, sois o ser pensante tanto quanto o pensamento. Mas, se o ser pensante se separa do pensamento e procura controlá-lo, isso levará à ilusão.

Assim, pois, ao perceber tudo isso, ao compreendê-lo, experimentá-lo diretamente — a vossa mente está tranqüila. E nessa tranqüilidade sabereis se há Deus, se há a realidade, ou se não há; nessa tranqüilidade, nesse silêncio, sabereis. Antes disso, especular sôbre a existência ou não existência de Deus, sôbre se estais seguindo o verdadeiro Mestre ou não — tudo isso se me afigura imaturo, infantil. Mas o experimentar da realidade não é coisa que se possa imaginar, que possa ser objeto de especulação. É só no estado de experimentação que se encontra o real; mas buscar a fé como um estimulante, como uma fuga da nossa existência diária de relação, isso inevitàvelmente conduz à ilusão, seja qual fôr o nível em que vos agrade colocar essa ilusão.

Vemos, portanto, que, para descobrir, precisais libertar-vos da ganância; e quer sejais cientista e eu leigo, quer sejais erudito e eu ignorante, aquela realidade só nos será dado descobri-la, ao compreendermos a nós mesmos. E com essa compreensão de nós mesmos, vem a tranqüilidade, porque o autoconhecimento traz a sabedoria. É só na sabedoria que existe tranqüilidade — e não na cultura ou no entretenimento intelectual e no jôgo das idéias. Não existe tranqüilidade nas idéias. Essa tranqüilidade só se manifesta quando a mente deixou de interessar-se por suas próprias projeções. O experimentar da realidade não é coisa que se possa transmitir a outra pessoa: nenhum Mestre ou salvador vo-la poderá dar. Ela só desponta da profundeza de nossa compreensão própria.

PERGUNTA: *Se isso de que falais é coisa tão rara e, aparentemente, só para uns poucos, e de quando em quando, com que intuito nos dirigis a palavra? Podeis realmente ajudar a nós, da massa?*

KRISHNAMURTI: Acho que é bem claro o meu fim, quando vos falo — pelo menos o é para mim. Em primeiro lugar, não vos falo com o fim de explorar-vos. Não tiro daí nenhuma vantagem, nem me sinto como que perdido se não vos falar. Nada disso. Falo por uma razão muito simples: porque me parece que vós e eu bem nos podemos ajudar a compreender os nossos problemas — e não porque me sinta uma pessoa superior, que realizou isso ou aquilo. Com o falarmos a respeito dos inúmeros problemas que temos — dos problemas da vida de relação, pois outros problemas não existem — podemos compreen-

dê-los. Podemos falar sôbre êles, tranqüilamente, com isenção de preconceitos; ou, se temos certas tendências, se temos preconceitos, podemos tornar-nos conscientes dêles.

Em verdade, estamos procurando estabelecer um estado de relação entre nós, entre vós e mim. Quando me utilizo de vós, ou vós vos utilizais de mim, não existe relação entre nós. Em tal caso, vós me explorais e eu vos exploro. Mas, se cada um de nós está empenhado em compreender o problema que é o seu próprio ser, estabelecer-se-á, então, uma relação adequada entre nós. Aí, ao discutirmos — não intelectualmente nem verbalmente — talvez possamos perscrutar a nós mesmos, ver-nos exatamente como somos; porque, afinal de contas, a vida de relação é um espelho no qual vejo a mim mesmo tal como sou; isto é, se de fato *quero* ver-me. Mas, visto que a maioria não gosta de ver "o que é", fazemos da vida de relação uma farsa. A vida de relação se converte, em tal caso, numa via de fuga.

Se vós não desejais fugir com a minha ajuda, ou eu com a vossa, é possível, nesse caso, ao compreendermos, juntos, os vários problemas, é possível que nos vejamos tais como somos, não importando se somos um só ou muitos. Para mim não existe essa coisa chamada "massa". A massa sois vós e eu. Pensamos que compreendemos as pessoas chamando-as alemães, russos, inglêses ou hindus. É uma mente preguiçosa a que assim procede, uma mente negligente a que diz: "Ah! Você é hindu", ou "Você é inglês". Porque, — não é verdade ? — é tão fácil chamar uma pessoa por um nome e pensar "compreendo-a". Mas, se eu não vos chamo por um nome, sou obrigado a olhar-vos com muito mais atenção; tenho de perscrutar a vossa fisionomia, estudar os vossos peculia-

res movimentos de pensamento. Tenho de tomar conhecimento de vós como indivíduo. Mas, se vos trato como à massa, ser-me-á muito fácil jogar bombas sôbre vós e destruir-vos.

Nessas condições, quando desejamos ajudar a outrem, precisamos vê-lo, não como isso ou aquilo, dessa ou daquela nacionalidade, mas vê-lo assim como êle é. Não posso vê-lo tal qual é, se eu próprio estou cativo no meu mesquinho nacionalismo, nas minhas ridículas superstições, na minha própria frivolidade. Assim, pois, para compreendermos uns aos outros, precisamos olhar a cada um de maneira muito clara — isto é, para vos compreender preciso conhecer a mim mesmo: preciso ver-me, a mim mesmo, em plena claridade, nas minhas relações convosco. E só então existe a possibilidade de ajudarmos uns aos outros.

9 de outubro de 1949.

III

Parece-me assaz evidente que para compreender um problema complexo, e principalmente um problema psicológico, é necessário uma mente muito quieta, uma mente tranqüila, mas não com uma tranqüilidade forçada; uma mente serena, silenciosa, capaz de compreender diretamente o problema complexo e sua solução.

O que impede essa tranqüilidade da mente é, sem dúvida, o conflito. Quase todos vivemos cheios de agitação, preocupados com mil e uma coisas, apreensivos com respeito à vida, à morte, à segurança, e às nossas relações. É uma agitação infindável. E, naturalmente, é em extremo difícil a uma mente tão agitada compreender problemas que se tornam cada vez maiores, como sejam os problemas sociais e psicológicos. E é essencial — não achais ? — para a perfeita compreensão de um problema, que se tenha uma mente silenciosa, uma mente sem preconceito, uma mente capaz de libertação tranqüila e que permita ao problema revelar-se, desdobrar-se. E uma mente assim quieta é uma coisa impossível, quando há conflito.

Ora bem, qual é a causa do conflito ? Por que vivemos nesse conflito, cada um de nós, e por isso também a sociedade, o Estado e o mundo inteiro ? Por quê? De onde surge o conflito? Cessando o conflito, é possível, evidentemente, haver uma mente se-

rena; mas uma mente prêsa do conflito não pode estar tranqüila. E, no desejo de tranqüilidade, de uma certa sensação de paz, procuramos fugir do conflito por tôdas as maneiras concebíveis: dedicando-nos a obras sociais, praticando rituais ou outro qualquer gênero de atividade, mental ou não. Mas é uma coisa evidente que tôda fuga conduz à ilusão e a novo conflito. As fugas só nos levam ao isolamento e, por isso, a maior resistência. Mas, se o indivíduo não procurasse fugir, ou estivesse bem consciente de suas fugas e fôsse, portanto, capaz de compreender diretamente o processo do conflito, haveria, então, talvez, tranqüilidade mental.

Julgo essencial perceber-se que uma mente tranqüila é necessária — mas não uma tranqüilidade forçada que permanece em isolamento, fechada; não uma tranqüilidade ligada a uma determinada idéia e, por conseguinte, encerrada, prêsa nessa idéia ou numa crença. Uma tranqüilidade dessa espécie não é realidade; é morte, porquanto nesse insulamento egocêntrico não há processo criador.

Nessas condições, se pudéssemos compreender o processo do conflito e a maneira como surge, haveria, então, talvez, uma possibilidade de a mente ficar livre, tranqüila. Mas a dificuldade da compreensão do conflito consiste em que, em geral, estamos ansiosos por fugir dêle, por transcendê-lo, por encontrar uma saída, por descobrir-lhe a causa; e eu não creio que o simples fato de procurarmos ou de descobrirmos a causa do conflito, resolve o conflito. Já se o indivíduo é capaz de compreender, na íntegra, o processo do conflito, de observá-lo de todos os pontos de vista, assim os psicológicos como os fisiológicos; se tem paciência para investigar em silêncio, sem

condenação nem justificação — então, talvez, lhe seja possível compreender o conflito.

Afinal de contas, o conflito surge — não é verdade? — do desejo de sermos alguma coisa, de sermos diferentes do "que é". Êsse desejo constante de sermos uma coisa diferente do "que é" é um dos fatôres de conflito: o que não significa que devamos estar satisfeitos com "o que é" — pois nunca o estamos. Mas, para compreendermos "o que é", precisamos compreender êsse desejo de sermos diferentes do "que é". Eu sou uma coisa — feio, ganancioso, invejoso — e desejo ser outra coisa, o oposto daquilo que sou. Tal é, por certo, uma das causas de conflito — êsses desejos opostos e contraditórios, de que somos constituídos.

Penso que o simples fato de encarar o conflito, de tomar consciência de seu processo, já é, em si, libertação. Isto é, se estamos conscientes, sem atrito algum, sem escolha, se estamos simplesmente conscientes do "que é"; e se estamos igualmente conscientes do desejo de fugir do "que é" para aquêle ideal projetado de nós mesmos (pois todos os ideais são de fabricação própria, nossa, e portanto fictícios, irreais); se estamos, simplesmente, conscientes de tudo isso, então, essa própria consciência produzirá a tranqüilidade da mente. Podeis, aí, dar atenção ao que é; tendes então a possibilidade de compreender "o que é".

Por certo, o conflito é muito mais significativo do que o mero atrito entre opostos. Surge o conflito — não é verdade? — quando queremos aproximar a ação de uma idéia. Estamos sempre procurando ligar nossos atos a uma crença, um ideal, uma idéia. Tenho uma idéia sôbre como eu deveria ser, ou como o Estado deveria ser, e me esforço por viver de acôrdo

com êsse ideal. Nessas condições, o conflito surge sempre que há o empenho de preencher o vácuo entre a idéia e a ação. Mas é possível ligar a idéia e a ação? A ação é uma coisa real, uma coisa concreta, não é verdade ? Sem a ação não posso viver. Mas por que hei de tentar conformar a ação com uma idéia ? É a idéia mais real do que a ação ? Tem a idéia mais substância que a ação ? É a idéia mais verdadeira que a ação ? E, contudo, se observarmos a nós mesmos, veremos que tôdas as nossas ações estão baseadas em idéias. Temos primeiro a idéia, depois vem a ação. Só raramente surge uma ação espontânea, livre, não circunscrita por uma idéia.

Mas, por que há essa divisão entre idéia e ação ? Se formos capazes de compreendê-lo, talvez fiquemos aptos para pôr côbro, definitivamente, ao conflito; porque o conflito, evidentemente, não é o caminho da compreensão. Se disputo convosco, se estou em conflito convosco, com minha mulher, com a sociedade, com os meus semelhantes, tanto os próximos como os distantes, não é possível a compreensão. Resulta a compreensão da luta entre tese e antítese, entre os opostos ? Resulta a síntese de conflito ? Ou existe compreensão só quando não existe conflito ? Essa compreensão nós procuramos traduzir através da ação e, de novo, surge o conflito. Por outras palavras: quando há ímpeto criador, quando temos o sentimento criador, não há luta, o que significa que o "eu", com todos os seus preconceitos, com seus condicionamentos, está ausente. Nesse estado de ausência do "eu", manifesta-se a capacidade de criação e logo procuramos expressar êsse sentimento de fôrça criadora, êsse estado criador, pela ação — na música, na pintura, etc. Começa então a luta — o desejo de aplauso, etc.

O estado criador não exige, por certo, luta alguma; pelo contrário, sempre que há luta, não há estado criador. Quando o "eu" está totalmente ausente, dá-se então a possibilidade de se manifestar êsse estado criador. E enquanto a idéia predomina, tem de haver luta, tem de haver conflito. Isto é, o moldar a ação de conformidade com uma idéia gera, necessàriamente, o conflito. Nessas condições, se pudermos compreender porque a idéia predomina na nossa mente, talvez nos seja então possível encarar a ação de modo diferente.

A maior parte das pessoas está sempre empenhada em viver de acôrdo com uma idéia. Primeiro surge a idéia — ser nobre, ser bom, ser espiritual, etc. etc. — e procuramos daí por diante viver de acôrdo com essa idéia. Por que procedemos dessa maneira ? Estabelecemos primeiramente um padrão mental, que chamamos idéia, ou ideal, e em conformidade com êle procuramos viver. Por que isso? Todo o processo de ideação não é produto do "eu" ? O "eu" não é uma idéia ? Não há "eu" separado da idéia de "eu". O "eu" cria o padrão. O "eu" é uma idéia, e em conformidade com essa idéia nós vivemos e tentamos proceder.

A idéia, portanto, é sobretudo um resultado da importância atribuída ao "eu", não achais ? E tendo determinado a importância do "eu", do "meu", isto é, o padrão de comportamento, procuramos viver de acôrdo com êle. Daí a idéia controlar a ação, impedir a ação. Considerai, por exemplo, a generosidade, a generosidade completa, isto é, não a da mente, mas, sim a do coração. Se uma pessoa fôsse viver de acôrdo com essa generosidade, seria muito perigoso, isso, não achais ? Se uma pessoa quisesse proceder com total generosidade, ocasionaria atritos

de tôda a ordem com os padrões em vigor. Assim, a idéia intervém e controla a generosidade. E é mais seguro viver de acôrdo com a idéia de generosidade, que de acôrdo com o sentimento de generosidade.

Nessas condições, quando há predomínio da idéia, é bem evidente que procuramos segurança, garantia, confôrto, exclusão, isolamento e estamos, dêsse modo, criando mais atritos. Porque nada pode viver no isolamento: ser é estar em relação. A idéia produz o isolamento, a ação, não. E nosso conflito é sempre entre idéia e ação. Penso que, se pudermos compreender êsse processo da ideação, se pudermos compreender a nós mesmos, não superficialmente, mas, sim, no processo total de nós mesmos, tanto na parte consciente como na inconsciente, talvez venhamos a compreender êsse conflito. Afinal de contas, o conflito surge porque o "eu" é importante — êsse "eu" que está identificado com a nação, com determinada crença, com o nome pessoal ou a família. Essa é a origem de todos os conflitos — não achais ? — porque o "eu" vive sempre em busca de isolamento, de exclusão. É inevitável que a ação baseada na idéia de exclusão gere conflito, e dêsse conflito tentamos fugir, consciente ou inconscientemente; e, por essa razão, cresce o conflito.

Nessas condições, para se compreender o conflito, muito importa, assim me parece, que se conheça, na íntegra, o nosso processo de pensar, e que estejamos cônscios de que, na vida diária, estamos sempre querendo ligar a ação à idéia. Ora, pode-se viver sem idéia ? Pode-se viver sem o "eu"? Real e bàsicamente, a questão se resume nisto: pode-se viver neste mundo monstruoso, neste mundo de conflitos, sem a idéia do "eu"? Creio que a isso só podemos responder pràticamente, não teòricamente, quando compreendemos

o processo do "eu", aquilo que forma o "eu". Vemos que êsses caminhos tortuosos, essas contradições, negações, aproximações, vemos que tudo isso faz parte do padrão, que projetamos, de uma idéia. Dêsse modo, quando nos conhecemos totalmente — não num determinado nível da consciência, mas sim como um processo total a desenrolar-se constantemente — quando estamos conscientes disso, dá-se a libertação do "eu"; e só então é possível à mente ficar silenciosa.

Só quando ausente o "eu", existe a possibilidade de a mente estar quieta, e, portanto, apta a compreender, apta a receber aquilo que é eterno. Mas formar uma representação da eternidade, conceber uma idéia a seu respeito, ou manter-se fiel a uma crença que a afirma, isso é, verdadeiramente, autoprojeção, é pura ilusão, não tem realidade. Mas, para que o eterno seja, torna-se necessário, evidentemente, que as atividades, as fabricações, as projeções do "eu" cessem inteiramente. E o cessar dessa projeção é o começo da meditação, não achais? Porque a compreensão de si mesmo é o começo da meditação; e sem meditação não há possibilidade de compreender-se o "eu". Sem compreensão do processo do "eu" não há base para o pensamento, não há base para pensar corretamente. O mero aproximar da ação a uma idéia ou a um ideal, é de todo em todo vão. Ao passo que se formos capazes de compreender a nós mesmos em ação, o que constitui as relações de nossa vida diária: relações com a nossa espôsa, nosso espôso, o modo de falarmos ao nosso servo, o esnobismo, o nacionalismo, os preconceitos, as cobiças, as invejas, de nossa vida quotidiana; não o "eu" colocado num nível superior, o qual está dentro do âmbito do pensamento e, por-

tanto, faz parte ainda do "eu" — estar consciente de tôda essa atividade, é o comêço da meditação. E na compreensão dessa atividade do "eu" existe, por certo, a tranqüilidade. Só quando a mente está realmente tranqüila, sem ter sido *posta* tranqüila, só quando não é forçada, quando não está a conformar-se, mas *está* quieta — só então se nos oferece a possibilidade de descobrir aquilo que é eterno.

PERGUNTA: *Podeis dizer-nos o que é a verdade, que, segundo o vosso ponto de vista, nos libertará? Que significa vossa afirmativa: "A verdade deve vir a vós; não podeis procurá-la"?*

KRISHNAMURTI: É bem evidente que quando compreendemos o que é falso, o que é ilusório, o que é ignorância, surge a verdade, não é exato? Não necessitais de procurá-la; pois o pensamento é o instrumento com que procurais. Se sou ávido, invejoso, cheio de preconceitos e quero procurar a verdade, é óbvio que a minha verdade há de ser produto da avidez, da inveja, do preconceito, e, por conseguinte, não é a verdade. O mais que posso fazer é perceber o que é falso, ficar consciente de que estou condicionado, de que sou invejoso. É só isso o que posso fazer — estar consciente dêsse estado, sem tendência para a escolha. Então, quando tenho êsse percebimento e estou, portanto, livre da ganância, desponta a verdade. Mas, se buscamos a verdade, o resultado, evidentemente, há de ser a ilusão. Como é possível procurar a verdade? A verdade tem de ser, necessàriamente, algo desconhecido para uma mente que está cativa no falso — e nós estamos nessas condições; porque, fisiológica e psicològicamente, nós estamos

condicionados, e a mente condicionada, faça o que fizer, não pode de maneira alguma medir o imensurável.

Isso não são apenas palavras. Podeis perceber a verdade que elas encerram, se de fato quiserdes escutar direito. Como posso ver a verdade, se estou condicionado pela crença, pelo temor, pelo meu nacionalismo, pelos meus preconceitos e, de muitos modos, pela avidez e pela inveja — como posso ver a verdade em tais condições ? Se a vejo, ela há de ser uma projeção de mim mesmo. Aquilo que o "eu" procura é evidentemente criação sua e, portanto, não é verdadeira. Perceber a verdade disso, a verdade do que acabo de dizer, já é, em si, um processo de libertação, não é ? — basta percebê-lo, basta estar consciente de que a ganância não pode deparar o verdadeiro, de que a inveja não pode descobrir o verdadeiro. A simples observação dessa verdade, o percebê-la, o estar consciente dela, silenciosamente, não só nos libertará da ganância, mas, também, nos trará a percepção do verdadeiro.

Assim, todos os que se empenham na busca da verdade, serão vítimas da ilusão; e, por conseguinte, a verdade tem de vir a vós, não podeis sair à sua procura, não podeis correr atrás dela. Porque, afinal de contas, que é que todos nós desejamos? Desejamos satisfação, queremos confôrto, segurança interior, paz — e é isso o que estamos a procurar. Chamamo-lo a verdade, damos-lhe um nome. Por conseguinte, o que andamos a procurar, por diferentes formas, em níveis diversos, é a satisfação e não a verdade. A verdade só pode aparecer depois de cessar o desejo de satisfação, o desejo de segurança — e isso é muitíssimo

difícil; e visto que somos, em maioria, preguiçosos, indolentes, damo-nos ares de procurar a verdade e fundamos sociedades e organizações em tôrno dela.

O mais que podemos fazer, pois, é ficar conscientes de nossos apetites, nossos desejos e vaidades — não importa o nível em que os coloquemos: ficar conscientes de tudo isso, livres de tudo isso, o que significa estar livre do "eu". Não necessitareis de procurar a verdade, então; ela descerá a vós, porque encontrará um pouso: uma mente tranqüila, não perturbada por suas próprias agitações. Uma mente nesse estado é receptiva. Ela precisa estar negativamente consciente, passivamente vigilante — o que também é dificílimo, uma vez que a mente quer *ser* alguma coisa; ela quer um resultado, uma realização. E, quando não logrou bom êxito numa certa direção, ela o procurará em outra. Essa busca de bom êxito ela chama a busca da verdade. Mas a verdade é o desconhecido, precisa ser descoberta momento por momento — não numa dada abstração, numa ação isolada, mas em todos os instantes de nossa existência de cada dia. Perceber o falso como falso é o comêço da verdade — o falso nas nossas palavras, o falso nas nossas relações, os apetites mesquinhos, as pequeninas vaidades, as barbaridades a que nos deixamos levar. Perceber a verdade quanto à falsidade de tudo isso é o comêço da percepção do verdadeiro.

Mas a maioria de nós não quer estar assim consciente. É muito fatigante. Preferimos fugir para uma determinada ilusão, uma determinada crença, onde encontremos insulamento e consôlo, já que isso é muito mais fácil; e, nesse isolamento, dizemos que estamos procurando a verdade. Nunca se poderá achar a verdade no insulamento. Não é possível, quando estamos psicològicamente em segurança, na certeza,

que se instale em nós a grande insegurança da verdade. Assim sendo, o mais que podemos fazer, se temos real empenho, real interêsse, é oferecer à verdade um ensejo de manifestar-se, aplicando-nos a compreender as nossas relações com as coisas, com as pessoas, com as idéias. Aí, então, a compreensão nos trará a liberdade; e só nessa liberdade pode existir o real.

PERGUNTA: *Vossos ensinamentos, há alguns anos, eram compreensíveis e inspiradores. Faláveis então sèriamente a respeito da evolução, do caminho da iniciação e dos Mestres. Agora tudo é diferente. Vejo-me extremamente confuso. Naquele tempo era-me fácil crer em vós e eu gostaria de crer em vós atualmente. Mas estou confuso. Que é a verdade: o que dizieis antigamente ou o que dizeis agora?*

KRISHNAMURTI: Isso requer realmente séria consideração; espero que aquêles dentre vós que achem fastidioso um assunto dêste, tenham paciência para escutar-me.

Em primeiro lugar, não se trata aqui de crença. Não sois obrigados a crer no que digo — longe disso. Se credes no que digo, então a infelicidade é vossa, e não minha; servir-vos-eis então de mim como uma nova autoridade, na qual buscareis abrigo e confôrto. Mas o que eu digo é apenas que, sem autoconhecimento, isto é, sem que conheçais a vós mesmos, não pode haver compreensão da vida. Isso não exige crença. O que exige é vigilância de vossa parte — e não crença no que digo. Fiquemos, pois, bem entendi-

dos a êsse respeito, porquanto penso que o crer é um empecilho à compreensão da verdade — o que não significa que devais tornar-vos ateu, o que é uma outra forma de ser crente. Mas o compreender o processo total da crença, as razões que nos fazem crer, eis o comêço da sabedoria.

Cremos porque desejamos algo a que agarrar-nos, porque carecemos de segurança; tão incertos vivemos, dentro em nós, tão descontentes, tão pobres, interiormente, que desejamos algo, alguma riqueza a que nos agarrarmos. Assim como o mundano se prende à propriedade, assim também o chamado crente se prende à sua crença — não há muita diferença entre os dois. Querem ambos a segurança, querem o confôrto, a certeza. E essas crenças, portanto, projetadas dêles próprios, não conduzem à realidade.

Ora bem; o interrogante quer saber porque mudei. Em certa época, há anos, eu falava dos Mestres, da iniciação, do progresso, da evolução espiritual e outras coisas que tais. E agora não falo mais disso. Por quê ? Onde houve modificação e o que foi que a produziu ? — não é esta a base da pergunta ? E deseja essa pessoa saber no que deve acreditar: nas coisas que eu dizia antigamente, ou naquilo que digo hoje.

O que foi dito antes exigia crença. Pois, afinal de contas, o admitir os Mestres exige *crença*. Podeis racionalizar essa crença, mas, contudo, continua a ser crença. E é muito cômodo ter uma crença dessas, principalmente quando o Mestre está bem longe de nós — porque, então, podemos entreter-nos com a idéia. Mas, se tendes um guru, um instrutor em relação direta convosco, fìsicamente, então o caso se

torna mais difícil — não achais? — porque êle há de criticar-vos, há de observar-vos e determinar-vos tarefas — e isso é muito mais desagradável. Ao passo que ter um Mestre na Índia, ou no Himalaia, ou numa montanha bem remota de nossa vida diária, isso é bastante conveniente, muito inspirativo. E uma coisa dessa natureza exige crença. É uma idéia projetada pela própria pessoa. E nela encontrais confôrto porque podeis adiar a ação, podeis dizer: "Ora, serei igual a êle na próxima vida. Levarei muito tempo para libertar-me da avidez" — e a isso chamais evolução. Sem dúvida, a avidez não é passível de adiamento; ou ficais livre dela agora mesmo, ou nunca ficareis. Dizer que ficareis livre da avidez, um dia, significa a continuação da avidez. E a idéia de que tendes alguém que olha por vós, que vos dá palmadinhas nas costas, que vos estimula, mostrando-se especialmente interessado pela vossa pessoa, enquanto vós vos disciplinais de acôrdo com seus preceitos, de acôrdo com os ideais por êle estabelecidos — isso, evidentemente, é encher de vento o "eu". Naturalmente, dá-vos coragem, dá-vos inspiração pensar que alguém está olhando por vós, que tendes à vossa frente tôda a eternidade, para serdes algo, que o caminho é para ser percorrido vagarosamente, dispondo do tempo à vontade, e que um dia chegareis.

Todos os pensamentos e crenças dêsse gênero infundem muito ânimo e inspiração. É por isso que se fundam sociedades para as pessoas que desejam ser animadas. Êsse processo representa, para mim, o caminho da exploração. Porque vós gostais de ser explorado pelo Mestre, ou pelo representante do Mestre; e escolheis êsse representante em conformidade com vossos desejos e prazeres. Se tal coisa vos

dá satisfação, é sem dúvida muito inspiradora — pelo menos a dizeis inspiradora — mas, na realidade, é apenas uma outra forma de sensação.

Pois bem; ao perceberdes que tudo isso é falso, inteiramente destituído de base; ao perceberdes que coisa alguma pode conduzir-vos à verdade, a não ser a vossa própria compreensão de vós mesmos, e que nenhum Mestre pode dar-vos a luz e só vós o podeis — isso já não é tão inspirador, tão animador, porque o conhecer a si mesmo requer atenção, agilidade, vigilância constante; além disso, é um tanto aborrecido, fatigante, deprimente, conhecer-se a própria fealdade. Mas, o ouvirdes dizer que existe em vós algo que é eterno, maravilhoso — *disso* vós gostais. E, assim, seguis o Mestre e aceitais tôdas as ilusões que daí decorrem. E isso vos dá satisfação — que é, afinal de contas, o que procura a maioria de nós. Não é a verdade que buscamos, não é a compreensão do falso, mas, sim, a satisfação. E assim como buscais a certeza, a segurança, no mundo físico, assim também a buscais no mundo psicológico, no mundo espiritual. Mas neste não existe segurança. Se procurais aí a segurança, encontrareis a ilusão; porque é só numa grande incerteza que podereis achar algo.

Pois bem; ao perceberdes tudo isso, afastais aquelas coisas para longe de vós. Não mais vos entretendes com elas. O que digo atualmente não representa o reverso da medalha — nada tem em comum com aquelas coisas falsas. Compreender a si mesmo é o começo da sabedoria. Logo que percebeis aquilo que é falso, começais a ver o que é verdadeiro. Evidentemente, tôda essa estrutura de expansão do "eu", com degraus espirituais de aprendizado, com sua escala hierárquica de realizações, é de todo em todo

falsa; porque aquilo que é verdadeiro não tem divisões. Mas nós gostamos das divisões; gostamos da exclusão; socialmente, gostamos de ser tratados por um título. E êsse mesmo esnobismo transferis para o outro mundo. Mas, quando se reconhece que todo êsse processo é de auto-expansão, visto que dá importância ao "eu", ao "meu", visto que confere prestígio a mim mesmo, então, por certo, êle se desvanece; não necessitais de lutar contra êle. É como ao vermos uma coisa que sabemos venenosa: não tem atrativo, já não é verdadeiro; portanto não pertencemos mais a essa corrente de pensamento.

De tudo isso resulta que precisamos ficar sós. Mas, em geral, temos mêdo de estar sós — "sós" não no sentido de isolamento, mas no sentido de ver uma coisa assim como é, ver o falso como falso e o verdadeiro como verdadeiro. Ver o falso como falso enquanto os outros o vêem como verdadeiro, requer uma certa vigilância, livre de tendências. E, como a maioria de nós tem horror a estar só, tranqüilo, livre de tôdas as ilusões autoprojetadas, ficamos apegados às coisas feitas pela mente. Sem compreenderdes a vós mesmo, podeis fazer o que quiserdes, inventar qualquer teoria, qualquer Mestre, observar qualquer disciplina — nada disso vos levará à felicidade. Podeis enganar-vos a vós mesmos, dizendo: "O que vós dizeis e o que eu creio são a mesma coisa. São as duas faces da moeda". Podeis dizer o que vos aprouver; mas isso é uma pura ilusão com que vos enganais. Mas o entrar profundamente no problema do "eu", o ver tôdas as suas maneiras de ser, os seus enganos e ilusões, os seus confortos — conhecer a si mesmo, completamente, isso traz a tranqüilidade da mente, coisa que nada mais vos pode dar. Então, nessa tranqüilidade, aquilo que é eterno pode existir.

PERGUNTA: *Como pode uma pessoa ficar livre do constante temor da morte?*

KRISHNAMURTI: Que é que cria o temor? Por que temos medo à morte? Se não vos desagrada, vamos "experimentar" o que há a êsse respeito — não apenas a respeito do que eu disse anteriormente, mas também a êste respeito. Em geral, temos mêdo à morte e bem sabemos por que o temos. Evidentemente, não desejamos ter fim. Sabemos que o corpo há de perecer, há de ser destruído como qualquer outra coisa que se gasta constantemente. Mas, psicològicamente, não desejamos ter fim. Por quê?

Como não desejamos ter fim, racionalizamos um grande número de teorias: que continuaremos a existir no além, que há reincarnação, que o "eu" continua a existir sob alguma forma, etc. etc. Entretanto, apesar de tôdas essas crenças racionalizadas, de tôdas essas convicções e determinações, existe o temor. Por que isso? Não é porque desejamos a certeza do desconhecido? Não sabemos o que há depois da morte. Desejaríamos continuar a existir com tôdas as nossas qualidades, tôdas as nossas realizações, tôdas as nossas identificações. Queremos a permanência, que chamamos imortalidade. Neste mundo, procuramos a permanência através do nome, da propriedade, dos haveres, da família, etc. — essa é uma coisa bem óbvia, que estamos fazendo a todos os instantes. E desejamos também continuar a existir numa outra esfera de pensamento, de sentimento — no mundo psicológico, no mundo espiritual.

Que é que subsiste? A idéia, o pensamento, não é verdade? A idéia de vós mesmos como um nome, como um determinado indivíduo, o que continua a

ser uma idéia, isto é, memória, isto é, palavra. Nessas condições, o pensamento, a mente, identificando-se como memória, como palavra, como nome, deseja subsistir. Indubitàvelmente, a maioria de nós, de diversas formas, está agarrada a essa idéia, não é verdade? À medida que vou envelhecendo, olho retrospectivamente a minha vida, ou encaro o futuro, com temor da morte. Desejamos continuar a existir, de uma ou de outra forma. Porém, incertos, como estamos, acêrca dessa continuidade, sentimos temor. Não temeis deixar vossa família, vossos filhos: isso é apenas uma desculpa. Na verdade, o que temeis é o vosso fim.

Ora, o que subsiste, o que tem continuidade — pode essa coisa ser criadora? Existe renovação naquilo que continua? Por certo só pode haver renovação naquilo que termina. Onde há fim, há renascimento, não onde há continuidade. Se eu continuo tal como sou, tal como fui durante esta vida, com tôda a minha ignorância, meus preconceitos, estultícias, ilusões, lembranças e apegos — que tenho eu? No entanto, é a isso que nos agarramos tão tenazmente.

Ora, no findar existe a renovação, não é verdade? É só na morte que algo novo pode surgir. Não vos estou dando confôrto. O que estou dizendo não é coisa para ser crida ou pensada, ou intelectualmente examinada e aceita — porque, em tal caso, vós a convertereis num novo confôrto, como o que vos proporciona agora a crença na reincarnação, ou na continuidade no além, etc. etc. Mas o fato verdadeiro é que aquilo que continua não tem renascimento, não tem renovação. Por conseguinte, no morrer todos os dias há renovação, há renascimento. Isso é imortalidade. Na morte há imortalidade, — não nessa morte que temeis, mas na morte de tôdas as conclusões antigas, na morte das lembranças, das experiências com

as quais estais identificado, como "eu". Na morte do "eu" a todos os minutos, existe a eternidade, existe a imortalidade, existe algo para ser experimentado — não para ser objeto de especulação ou tema de conferências, como o fazeis a respeito da reincarnação e outras coisas dêsse gênero. Só ao findardes como "eu", ao abandonardes o apêgo à vossa família, aos vossos haveres, às vossas idéias — só aí existe a imortalidade; o que não significa que vos torneis indiferentes, insensíveis ou irresponsáveis.

Quando não mais sentirdes temor, porque a todos os minutos há um fim e, portanto, uma renovação, estareis então aberto para o desconhecido. A realidade é o desconhecido. A morte também é o desconhecido. Mas chamar a morte bela, dizê-la maravilhosa, porque continuaremos a existir no além e outras tolices dessa ordem, é coisa de todo destituída de realidade. O que *tem* realidade é o vermos a morte como é — como um fim; um fim no qual há renovação, renascimento, e não continuidade. Porque o que continua declina; e aquilo que tem o poder de renovar-se é eterno. Mas uma mente sempre apegada, uma mente que possui, jamais pode renovar-se. Essa mente, por conseguinte, tem mêdo ao desconhecido, mêdo ao futuro. Só finda o temor quando há renovação constante, o que significa um morrer constante. Mas a maioria de nós não deseja morrer dessa maneira. Gostamos de estar apegados à nossa mobília e aos nossos haveres, às nossas crenças e àqueles a que chamamos "entes queridos". Queremos continuar a existir nesse estado com nossos conflitos, nossas experiências, nossos apegos. E, quando vemos ameaçadas essas coisas, horrorizamo-nos. E por isso existe um número incontável de livros a respeito da morte. Sentis mais

interêsse pela morte do que pela vida; ao passo que na compreensão do viver, isto é, de vós mesmos nas vossas relações constantes; no perceber o falso como falso e, por conseguinte, no morrer a todos os minutos, não teòricamente, porém de fato, no morrer para as coisas a que estais apegados, para as crenças, para as lembranças — só nisso há renovação, em que não existe a morte.

16 de outubro de 1949.

IV

Nestas últimas semanas estivemos tratando do problema da autovigilância e do autoconhecimento. É uma coisa tão òbviamente essencial o conhecimento de si mesmo. E conhecer a si mesmo não significa retraimento da vida, porém, antes, a compreensão das relações — relações com as coisas, com as pessoas, com as idéias. E tôda experiência só é compreensível pelo autoconhecimento; a experiência não está separada do autoconhecimento.

Infelizmente, a maioria de nós não busca o autoconhecimento, preferindo apegar-se à experiência. E servimo-nos da experiência como de uma medida para o descobrimento da verdade, o descobrimento da realidade, ou Deus, etc. Dessa forma, a experiência, para a maioria de nós, se tornou um padrão de valores.

Mas, a experiência revela a verdade, ou como quer que a chameis? A experiência, sem dúvida, é uma distração, um processo de afastamento de nós mesmos. Isto é, na maioria vivemos em verdadeira ignorância do processo total de nossa existência; não percebemos que estamos sempre a fugir de nós mesmos. Dentro de nós, quer o admitamos, quer não, quer o sintamos conscientemente, quer não, existe um estado de pobreza, um vazio, que procuramos encobrir, que procuramos evitar. E no processo de o

encobrir temos experiências diversas; e mantemo-nos apegados a vários pontos de vista, a várias crenças. E essas distrações, que òbviamente nos afastam de nós mesmos, são experiências. Isto é, o indivíduo sente em si, consciente ou inconscientemente, um vazio, um aniquilamento, uma insuficiência. Quase todos estamos conscientes disso, mas não nos agrada encará-lo de frente, não nos agrada compreendê-lo; procuramos fugir a êsse estado de vazio, êsse estado de aniquilamento, apegando-nos à propriedade, ou ao nome, à família, ao saber A essa fuga de nós mesmos chama-se experiência; e a ela nos agarramos, tornando assim os meios de evasão muito mais importantes que o conhecimento de nós mesmos. Os meios de fuga de nossa própria condição oferecem felicidade e, por isso, a experiência se transforma num obstáculo à compreensão do "que é".

Por outras palavras, a maioria de nós está consciente de que sentimos solidão; e para escapar a essa solidão, ligamos o rádio, lemos um livro, apegamo-nos a uma pessoa, ou nos afeiçoamos ao estudo. Essa fuga do "que é" proporciona várias experiências; e a elas nos apegamos. Então a propriedade, o nome, a posição, o prestígio, passam a ter grande importância. Do mesmo modo, a pessoa se torna importante, quer se trate de uma ou de muitas, do indivíduo ou do grupo, da sociedade. Assim também a instrução, como meio de fugirmos a nós mesmos, torna-se extraordinàriamente importante.

Enchemos, pois, êsse vazio, essa solidão, com instrução, relações e haveres; e por isso as posses, as relações e a instrução se tornam extraordinàriamente importantes — já que sem elas nos sentimos perdidos. Sem elas, ficamos face a face com nós mesmos, tais como somos; e para fugir a isso, recorremos a todos

os meios e acabamos ficando presos nas experiências dessas fugas. Utilizamos tais experiências como padrões, como medida, para descobrir a realidade. Mas a realidade, ou Deus, é o desconhecido; não pode ser medida por nossa experiência, por nosso condicionamento; e, para atingi-la, temos de afastar tôdas as fugas e enfrentar "o que é" — nossa solidão, nosso extraordinário senso de sermos nada. Porque *estamos* vazios, embora não nos agrade reconhecê-lo; e por isso cercamo-nos de coisas mediante as quais fugimos de nós mesmos.

A experiência, portanto, não é a medida da realidade, não é o caminho que a ela conduz; porque, afinal de contas, nós experimentamos em conformidade com a nossa crença, de acôrdo com o nosso condicionamento; e essa crença, evidentemente, é uma fuga de nós mesmos. Para conhecer a mim mesmo, não tenho necessidade de crença alguma: só tenho de observar a mim mesmo, com tôda a clareza e objetividade — observar a mim mesmo nas minhas relações, nas minhas fugas, nos meus apegos. E cada um deve observar a si próprio sem preconceito, sem conclusões, sem determinação alguma. Nesse percebimento passivo, descobre-se aquêle extraordinário sentimento de solidão. Estou certo de que a maioria de vós já o experimentou — êsse sentimento de um vazio absoluto, impossível de preencher-se. É só quando permanecemos nesse estado em que todos os valores deixaram completamente de existir; apenas quando somos capazes de estar sós e de enfrentar essa solidão sem nenhuma tendência para a fuga — só então a realidade surge. Porque os valores são mero resultado de nosso condicionamento; tal como a experiência, baseiam-se numa crença e constituem um empecilho à compreensão da realidade.

Eis um trabalho árduo, a que a maioria de nós tem pouca vontade de aplicar-se. Por isso, atemo-nos às nossas experiências — experiências místicas, supersticiosas, experiências da vida de relação, experiências do que chamamos amor, e as experiências da posse, — porque são elas que constituem o nosso ser. Somos feitos de crenças, de condicionamentos, de influências ambientes: tal é a base de nossa existência. E nessa base julgamos e avaliamos. Mas depois de penetrarmos, inteiramente, o processo dessa base, depois de compreendê-lo, chegamos a um ponto em que nos vemos inteiramente sós. É preciso estar só, para achar a realidade — o que não significa fuga, retraimento da vida, Pelo contrário, é a mais completa intensificação da vida, porque, então, libertamo-nos daquela base, da lembrança das experiências de fugas. Nessa solidão não há escolha, não existe temor do "que é". Só surge o temor quando não temos vontade de ver "o que é".

Nessas condições, para fazermos surgir a realidade, é essencial que abandonemos as inumeráveis fugas a que nos habituamos e nas quais estamos presos. Afinal de contas, se observardes bem, vereis como nós nos servimos dos outros — como utilizamos nossos maridos e nossas espôsas, ou grupos, ou nacionalidades — para fugir de nós mesmos. Buscamos confôrto na vida de relação. Essa busca de confôrto em nossas relações produz certas experiências, às quais permanecemos aferrados. Também, para fugir de nós mesmos, a instrução se torna extraordinàriamente importante, mas o saber, evidentemente, não é o caminho da realidade. A mente precisa estar de todo vazia e tranqüila, para que a realidade possa despontar. Mas uma mente que vive alardeando o seu saber, uma mente afeiçoada a idéias e crenças, e sempre a taga-

relar, essa mente é incapaz de receber "o que é". Identicamente, se buscamos o confôrto na vida de relação, esta se torna, nesse caso, uma maneira de evitarmos a nós mesmos. Afinal de contas, em nossas relações queremos confôrto, queremos algo em que repousar, queremos amparo, queremos ser amados, queremos possuir, — e tudo isso denota a pobreza de nosso próprio ser. Do mesmo modo, o desejo de propriedade, de nome, títulos, posses, denota aquela insuficiência interior.

Ao perceber o indivíduo que êste não é o caminho da realidade, chega àquele estado em que a mente já não busca confôrto, em que está de todo contente com "o que é", o que não significa estagnação. Na fuga ao "que é", existe morte; no reconhecimento e no percebimento do que "é", há vida. Assim, pois, a experiência baseada em condicionamento, a experiência de uma crença, que é o resultado de nossa fuga de mesmos, e a experiência da vida de relação — tudo isso se torna obstáculo, barreira; são coisas com que encobrimos a nossa insuficiência. E só ao reconhecermos que essas coisas são meios de fuga, só ao percebermos o seu verdadeiro valor — só então temos a possibilidade de estar quietos, tranqüilos, dentro daquele vazio, daquela solidão. E quando a mente está muito tranqüila, sem aceitar nem rejeitar, mas passivamente consciente daquilo "que é" — torna-se então possível que a realidade imensurável se manifeste na existência.

PERGUNTA: *Há, ou não há, um Plano Divino? Que sentido tem a nossa luta, se êle não existe?*

KRISHNAMURTI: Por que lutamos? E que buscamos em nossa luta? Que aconteceria, se não lu-

tássemos ? Iríamos estagnar, decair ? Que é essa luta constante para sermos alguma coisa ? Que indica essa luta, êsse esfôrço ? E a compreensão é resultado de esfôrço, de luta ? Vive o indivíduo numa luta incessante por se tornar melhor, por modificar-se, por ajustar-se a um determinado padrão, por tornar-se alguma coisa — do funcionário ao gerente, do gerente ao sacerdote. E essa luta produz compreensão ?

Acho que a questão do esfôrço deveria ser verdadeiramente compreendida. Que é que faz o esfôrço ? E que entendemos por "vontade de ser"? Fazemos esforços — não é verdade ? — com o intuito de alcançar um resultado, com o fim de nos tornarmos melhores, sermos mais virtuosos, ou menos alguma coisa. Há essa batalha constante dentro em nós, entre desejos positivos e desejos negativos, uns a eliminarem ou a controlarem os outros — a diferença é só que chamamos isso o "eu" superior e o "eu" inferior. Mas, evidentemente, o que há é sempre desejo. Podeis pô-lo no nível que quiserdes e dar-lhe um nome diferente: é sempre o desejo, sempre a ânsia de *ser* algo. Há também a luta constante dentro em nós e a luta com os outros, com a sociedade.

Pois bem: êsse conflito de desejos traz compreensão ? O conflito dos opostos, o querer e o não querer, produz esclarecimento ? E existe compreensão na nossa luta por ajustar-nos a uma idéia ? O problema, para nós, não é a luta, o esfôrço, nem o que aconteceria se não lutássemos, se não nos esforçássemos por ser algo, psicològicamente, bem como exteriormente. O problema é: Como surge a compreensão? Porque, existindo a compreensão, não existe mais luta. O que compreendemos, disso ficamos livres.

Como surge a compreensão? Não sei se já notastes que, quanto mais lutais por compreender um problema, tanto menos o compreendeis. Mas, no momento em que cessais a luta, em que deixais o problema se revelar por si mesmo, confiar-vos todo o seu significado — nesse momento surge a compreensão; o que, evidentemente, significa que, para compreender, a mente precisa estar tranqüila. A mente deve estar atenta, sem escolha, passiva; e nesse estado dá-se a compreensão dos múltiplos problemas da vida.

Quer saber o interrogante se existe, ou não, um Plano Divino. Não sei o que quereis dizer com "Plano Divino". Mas nós *sabemos* muito bem — não é certo? — que vivemos na aflição, na confusão, e que essa confusão e aflição está sempre a crescer, social, psicológica, individual e coletivamente. — Eis o que fizemos dêste mundo. Se existe um Plano Divino, ou se não existe, isso não tem absolutamente importância. Mas o que realmente importa é que se compreenda a confusão em que vivemos, tanto exteriormente como interiormente. E para compreender essa confusão, precisamos, é claro, começar em nós mesmos — porque nós *somos* a confusão; fomos nós que produzimos esta confusão exterior do mundo. E para dissipá-la precisamos começar em nós mesmos, pois o que somos o mundo é.

Direis: "Está muito bem; mas dessa maneira necessita-se muito tempo para implantar a ordem no mundo". Não estou certo, absolutamente, de que tenhais razão; porque, afinal de contas, são sempre um ou dois indivíduos muito esclarecidos, cheios de compreensão, que fazem as revoluções, as tranformações. mas nós somos preguiçosos — isso sim — e aí é que está a dificuldade. Queremos que os outros se modi-

fiquem, queremos que as circunstâncias se modifiquem, queremos que o Govêrno regule a nossa vida, ou que aconteça um milagre por obra do qual sejamos transformados. E, assim, conformamo-nos com a confusão.

Muito bem; o que realmente importa, não é que se indague se existe ou não existe um Plano Divino, porque com isso desperdiçamos as horas, a provar se há ou não. E' um bom jôgo, êsse, para os propagandistas. Mas o que tem verdadeira importância é libertarmo-nos da confusão; e isso não exige muito tempo. O essencial é perceber que *estamos* confusos, e que qualquer atividade, qualquer ação nascida da confusão, tem de ser confusa também. O mesmo acontece quando uma pessoa confusa procura um guia: o guia há de ser também confuso. O essencial, pois, é que o indivíduo perceba que está confuso, e não procure fugir dessa confusão, não procure explicações para ela; isto é, que tome conhecimento da confusão passivamente, sem escolha. E vereis então que, dessa atitude passiva, nasce uma ação de todo diferente; porque, se fizerdes qualquer esfôrço para clarificar o estado de confusão, aquilo que criardes há de ser tambem confuso. Mas, se tomardes conhecimento de vós mesmos, sem escolha, passivamente, então a confusão se revela inteiramente aos vossos olhos, e se dissolve.

Vereis, se experimentardes o que digo — e não é preciso muito tempo, porque isso não depende do tempo, absolutamente — vereis como surge o esclarecimento. Todavia, cumpre aplicar, para êsse fim, tôda a atenção e interêsse. E eu não estou nada certo de que a maioria de nós não goste de estar em confusão; porque no estado de confusão não há necessidade de ação. Por isso, ficamos satisfeitos com a con-

fusão; porque, para compreender a confusão, necessita-se ação, ação que não consiste em perseguir um ideal ou uma idéia.

E', portanto, irrelevante a questão da existência ou não existência de um Plano Divino. O que nos cumpre é compreender a nós mesmos e ao mundo que temos criado: o sofrimento, a confusão, o conflito, as guerras, as divisões, a exploração. Tudo isso é produto de nós mesmos, em relação com outros. E se pudermos compreender a nós mesmos em relação com outros, se pudermos ver como utilizamos os outros, como procuramos fugir de nós mesmos, valendo-nos das pessoas, da propriedade, do saber, e, daí, como atribuímos uma significação imensa às nossas relações, à propriedade, ao saber — se pudermos perceber tudo isso, se pudermos tomar conhecimento disso, passivamente, ficaremos então livres de tudo aquilo que forma a nossa individualidade. Só aí existe a possibilidade de descobrir-se "o que é". Mas passar horas a fio a especular sôbre se há ou não um Plano Divino, a lutar por descobrir algo a êsse respeito, a realizar conferências sôbre êste tema, isso me parece muito infantil. Porque a paz não surge como resultado de nossa conformidade com um plano qualquer, seja um plano da direita, um plano da esquerda, ou um Plano Divino. Conformidade significa apenas supressão e na supressão sempre há temor. Só na compreensão pode existir a paz e a tranqüilidade; e nessa tranqüilidade surge a realidade.

PERGUNTA: *A compreensão vem de súbito, sem estar relacionada com nenhum esfôrço e experiência passada?*

KRISHNAMURTI: Que se entende por "experiência passada? Como é que se experimenta um de-

safio ou estímulo ? Afinal de contas, a vida é um processo de estímulo e reação, não é verdade ? — e o desafio é sempre novo, porque, do contrário, não seria estímulo. E nossa reação ou resposta é inevitàvelmente um produto de nossas acumulações, de nosso condicionamento. Assim sendo, se a resposta ou reação não fôr adequada, integral, completa, em relação ao desafio, ela há de criar atrito, há de criar conflito. É êsse conflito entre o desafio e a reação que chamamos experiência. Não sei se já notastes que, quando a reação ao desafio é completa, fica apenas um estado de experimentação e não a recordação de uma experiência. Mas, quando a reação não é adequada ao desafio, atemo-nos então à lembrança da experiência.

Isso não é tão difícil assim; não vos mostreis tão perplexos. Penetremos um pouco mais, e vê-lo-eis. Como dizia, a vida é um processo de desafio e reação — em todos os níveis, e não num nível exclusivo; e sempre que a reação não é adequada ao desafio tem de haver conflito. Isso é bem óbvio. E o conflito, invariàvelmente, impede a compreensão. Pelo conflito não se pode compreender problema algum, pode-se ? Se vivo a disputar com meu vizinho, com minha mulher, com meus companheiros, não é possível compreender nossas relações. Só há possibilidade de compreensão quando não existe conflito.

E a compreensão vem de súbito ? Isto é, pode o conflito cessar repentinamente ? Ou é necessário que atravessemos inúmeros conflitos, que compreendamos cada um dêles, até ficarmos inteiramente livres do conflito ? Isto é, formulando o problema diferentemente, há na base desta pergunta, estou bem certo, uma outra pergunta, a saber: "Visto que vós atravessastes todos êsses nevoeiros, confusões, conflitos,

crença nos Mestres, na reincarnação, visto que pertencestes a várias sociedades, etc. etc., não é necessário que eu também passe por tudo isso? Já que tivestes de passar por certas fases, não preciso também atravessar essas mesmas fases para ficar livre?" — Por outras palavras: Temos todos nós de experimentar a confusão, a fim de libertarmo-nos da confusão?

O problema é, portanto, o seguinte: vem-nos a compreensão só com a condição de seguirmos ou aceitarmos determinados padrões e vivermos, durante o tempo necessário, de acôrdo com êsses padrões, para que sejamos livres? Direis, por exemplo: "Numa certa época vós acreditáveis em certas idéias, mas agora as pusestes de parte; estais livre e tendes a compreensão. Eu chego e vejo que passastes por certas crenças, abandonando-as depois e adquirindo, assim, a compreensão. Por isso, digo de mim para mim: vou seguir ou aceitar estas mesmas crenças e, no devido tempo, alcançarei a compreensão". — Êsse é, sem dúvida, um processo errado, não achais? O que importa é compreender. A compreensão é coisa que dependa do tempo? Certo que não. Se tendes interêsse numa determinada coisa, não há para vós a questão do tempo. Vosso ser está todo entregue a essa coisa, concentrado, completamente absorto nela. É só quando tendes em vista um resultado, que se apresenta a questão do tempo. Assim, pois, se considerais a compreensão como um fim para ser alcançado, nesse caso tendes necessidade do tempo e usais de expressões como "imediatamente" ou "mais tarde". Mas a compreensão, por certo, não é um fim. A compreensão surge quando estais tranqüilo, quando a mente está serena. E se percebeis a necessidade de a mente estar tranqüila, dá-se, então, imediatamente, a compreensão.

PERGUNTA: *De acôrdo com vosso ponto de vista, qual é a verdadeira meditação?*

KRISHNAMURTI: Qual é a finalidade da meditação? E que se entende por meditação? Eu não sei se já meditastes alguma vez; vamos, pois, experimentar juntos, a fim de averiguarmos o que é a verdadeira meditação. Não fiqueis apenas a escutar o que eu exprimo a respeito dela, mas vamos juntos descobrir e experimentar o que é a verdadeira meditação. Porque a meditação é importante, não achais? Se não sabeis o que é meditação correta, não tendes o autoconhecimento; e sem conhecerdes a vós mesmo nada significa a meditação. Não adianta sentar-vos a um canto ou andardes de um lado para o outro, no jardim ou na rua, procurando meditar; isso nada significa. Conduz apenas a uma concentração peculiar, que é exclusão. Estou certo de que alguns de vós já experimentastes todos êsses métodos. Isto é, procurais concentrar-vos num determinado objeto, tentais forçar a mente, que divaga em todos os sentidos, a concentrar-se; e, se o não conseguis, rezais.

Ora, se uma pessoa deseja realmente compreender o que é a verdadeira meditação, necessário é que descubra quais são as coisas falsas a que chamamos meditação. Evidentemente, concentração não é meditação, porque — observai-o — no processo da concentração há exclusão e, portanto, distração. Tentais concentrar-vos numa coisa e vossa mente foge para outra; e essa batalha continua, incessante: nós a querermos concentrar-nos num ponto, e a mente a recusar-se e a fugir. E passamos, assim, anos e anos, nessa tentativa de concentrar-nos, de aprender a concentrar-nos, e que errôneamente chamamos meditação.

Vem a seguir a questão da oração. A prece, evidentemente, produz resultados, pois do contrário milhões de pessoas não rezariam. Não há dúvida que, pela prece, a mente é *posta* tranqüila; pela repetição constante de certas frases, a mente, com efeito, se torna quieta. E nessa quietude apresentam-se certas sugestões, certas percepções, certas reações. Mas isso continua a fazer parte das sutilezas da mente — porque, afinal de contas, mediante uma espécie de mesmerismo, *pode-se* fazer a mente ficar muito tranqüila. E nessa tranqüilidade começam a manifestar-se certas respostas ocultas, provindas do inconsciente e de fora do consciente. Mas tal estado é, contudo, destituído de compreensão

Meditação não é devotamento — devotamento a uma idéia, a uma imagem, a um princípio; porque as coisas da mente são sempre idolátricas. Pode-se não adorar uma estátua, considerando idolatria o fazê-lo, considerando-o tolice, superstição. Mas há pessoas, aliás a maioria, que adoram as coisas da mente. Isso também é idolatria. Ser devoto de uma imagem ou idéia, ou de um Mestre, não é meditação: é òbviamente uma maneira de fugir a nós mesmos. É muito reconfortante uma fuga assim, mas é sempre fuga.

E essa luta constante por nos tornarmos virtuosos, por adquirir a virtude à fôrça de disciplina, pelo exame minucioso de nós mesmos, etc., não é tão pouco meditação, evidentemente. A maioria de nós está prêsa nesses processos; e, visto que êles não nos proporcionam a compreensão de nós mesmos, não constituem o caminho da verdadeira meditação. Afinal de contas, sem compreenderdes a vós mesmos, qual a base que tendes para pensar corretamente? Tudo quanto fizerdes, sem essa compreensão de vós mes-

mos será em conformidade com o vosso fundo de experiências, com a reação do vosso condicionamento. E essa reação ao condicionamento não é meditação. Mas tomar conhecimento dessas reações, isto é, estar cônscio dos movimentos do pensamento e do sentimento, sem tendência para a condenação, de sorte que os movimentos do "eu", as maneiras do "eu", sejam perfeitamente compreendidas — eis, com efeito, o caminho da verdadeira meditação.

A meditação não é retraimento da vida. A meditação é um processo de compreensão de nós mesmos. E logo que começa um indivíduo a compreender a si mesmo, não só a parte consciente do seu ser, mas, igualmente, as suas partes ocultas, vem então a tranqüilidade. Uma mente obrigada a aquietar-se, pela meditação, pela compulsão, pela conformidade, não é uma mente quieta, é uma mente estagnada. Não é uma mente vigilante, passiva, capaz de receptividade criadora. A meditação requer vigilância constante, constante percebimento de cada palavra, cada pensamento e sentimento, e nisso se revela o estado de nosso próprio ser, tanto o oculto como o superficial; mas, como essa vigilância é difícil, buscamos refúgio em ilusões confortantes de tôda espécie; e a isso chamamos "meditação".

Se puder um indivíduo perceber que o autoconhecimento é o comêço da meditação, o problema se torna extraordinàriamente interessante e vital. Porque, afinal de contas, se falta o autoconhecimento, podeis praticar isso que denominais meditação e, contudo, continuar aferrado aos vossos princípios, à vossa família, à vossa propriedade; ou, se abandonais a propriedade, ficais agarrado a uma idéia e nela vos concentrais de tal maneira que fazeis essa idéia crescer cada vez mais. Isso, certamente, não é meditação. Ve-

mos, pois, que o autoconhecimento é o comêço da meditação; sem autoconhecimento não há meditação. E quanto mais aprofundamos a questão do autoconhecimento, não apenas se torna tranqüila, serena, a mente superficial, mas também se nos revelam as diferentes camadas ocultas. Uma vez tranqüila a mente superficial, as camadas inconscientes, as camadas ocultas da consciência se projetam, revelando-nos o seu conteúdo, transmitindo-nos suas sugestões; e, por essa forma, vem a ser compreendido todo o processo do nosso ser.

A mente, então, se torna de todo quieta — *está* quieta. Não é posta quieta, não é obrigada a estar quieta com a promessa de recompensa, nem com o temor. Há, aí, um silêncio dentro do qual a realidade se manifesta. Mas êsse silêncio não é silêncio cristão, nem silêncio hinduísta, nem silêncio budista. Êsse silêncio é *silêncio,* não tem nome. Por conseguinte, se seguis a via do silêncio cristão, ou hindu, ou budista, nunca ficareis silente. Nessas condições, o homem que deseja encontrar a realidade precisa abandonar de todo a sua condição, seja de cristão, de hindu, de budista, seja de qualquer outro grupo. O mero fortalecer do fundo de experiências, pela meditação, pela conformidade, acarreta a estagnação da mente, seu embotamento; aliás, não estou certo, absolutamente, de que não seja isso mesmo o que deseja a maioria de nós — porque é muito mais fácil criar um padrão e segui-lo. Mas despojar-nos do nosso fundo de experiências requer uma vigilância constante na vida de relação.

Quando reina êsse silêncio, manifesta-se então um estado extraordinário, um estado criador — o que não quer dizer que começais logo a escrever poemas

e a pintar quadros; pode ser que o façais e pode ser que não. Mas êsse silêncio não pode ser um alvo para atingir, não pode ser copiado, imitado — porque então deixa de ser silêncio. Não o podeis alcançar através de caminho algum. Êle começa a existir sòmente depois de compreendidas as tendências do "eu" e depois que o "eu" com tôdas as suas atividades e perversidades deixam de existir. Isto é, logo que a mente cessa de criar, começa a haver criação. A mente, por conseguinte, deve tornar-se simples, tornar-se tranqüila, *estar* tranqüila. Aliás, a palavra "deve" é imprópria: dizer-se que a mente "deve" estar quieta implica compulsão. E a mente só está quieta, quando todo o processo do "eu" cessa. Compreendidas tôdas as tendências e maneiras do "eu" e cessadas, portanto, as suas atividades — aí, então, reina o silêncio. Êste silêncio é a verdadeira meditação; e nesse silêncio começa a existir o eterno.

23 de outubro de 1949.

V

Deve parecer, à maioria de nós, muito difícil realizar-se uma transformação verdadeira dentro de nós. Percebemos a necessidade de uma revolução real, profunda, radical, tanto em nosso interior como nas coisas externas; e é também óbvio que essa transformação não deve ser momentânea, porém constante. Desejamos efetuar reformas no mundo — reformas econômicas, reformas sociais, etc.; mas, a mim me parece que não se pode realizar nenhuma modificação significativa, a não ser que haja uma revolução psicológica radical, uma transformação completa. Porque o interior prevalece sempre sôbre o exterior. O que somos, *isso* mesmo criamos no exterior. E a menos que se verifique aquela transformação, quaisquer reformas e quaisquer modificações externas, por mais cuidadosamente elaboradas, falharão na certa, pois o que falta, na realidade, é essa revolução interior, essa transformação interior.

Mas, como efetuar-se a transformação interior? Se pudermos examinar de fato esta questão, nesta manhã, ser-nos-á possível perceber que ela não é tão difícil, que não é uma coisa que só poucos poderão alcançar, mas que está ao alcance de todos que a buscam com verdadeiro empenho e interêsse. E que significa para nós essa revolução, essa transformação

interior ? Porque é fácil perceber-se que, não havendo transformação interior, tudo o que se faça exteriormente, qualquer reforma social que se efetue, fatalmente falhará. A não ser que sejam compreendidos todos os nossos motivos, desejos, impulsos interiores, êles sobrepujarão a estrutura exterior.

Vemos, pois, que é essencial começarmos em nós mesmos, operar a transformação de nossa própria atitude, nossas ações, nossa orientação. Essa transformação, por certo, tem de começar com o autoconhecimento; porquanto, sem autoconhecimento, torna-se impossível uma revolução radical. Uma revolução não se opera em conformidade com uma idéia, um padrão, visto que, nesse caso, não é revolução e, sim, mera continuidade modificada. Mas, se fôr capaz um indivíduo de compreender o seu próprio processo psicológico, as suas exigências íntimas, interêsses, temores, ambições, esperanças; e se fôr capaz de penetrar inteiramente o seu próprio processo, torna-se então possível a transformação. Por conseguinte, urge que o indivíduo compreenda primeiramente a si mesmo, para que possa operar uma transformação exterior ou interior.

Pois bem; êsse estudo de nós mesmos não pode processar-se sem se compreender a vida de relação. E, como já tenho dito e redito, é só na vida de relação que começamos a compreender as tendências e maneiras do "eu", em qualquer nível que o situemos; porque a vida de relação é a questão fundamental, não achais ? Sem se compreender a vida de relação, as relações entre vós e outrem, e sem se operar, nelas, uma transformação radical, quaisquer tentativas de revolução social hão de falhar, inevitàvelmente, visto que nossa existência está inteiramente baseada na vida de relação — as relações entre vós e

vossa espôsa, entre vós e vossos semelhantes, e, por conseguinte, as vossas relações com a sociedade, como um todo. É *aí* que se necessita a transformação. E não é possível a transformação de nossas relações, enquanto o "eu" não tiver sido profundamente investigado e compreendido; porque o "eu", evidentemente, é a causa de todos os conflitos. Pode um indivíduo dar expressão plena a êsse "eu", julgando-o a única coisa que possui; mas isso, invariàvelmente, há de acarretar conflito e confusão na vida de relação. E é só quando se compreende a vida de relação, que é possível a transformação. Nessas condições, a transformação tem de começar em nossa vida de relação, e não apenas com decorativas reformas das circunstâncias exteriores.

Dessarte, o problema da transformação, isto é, da completa revolução interior, não é tão difícil assim. Ela só pode dar-se ao ser compreendida a vida de relação; porque esta é o espelho no qual eu descubro a mim mesmo em ação. E, sem compreender o meu próprio processo total, não pode haver revolução radical. Assim, pois, no desdobrar da vida de relação começo a descobrir a mim mesmo, não apenas no nível superior, mas também nos níveis mais profundos. Por certo, qualquer um pode começar *por aí*, não achais ? Qualquer um pode começar a observar a si mesmo, constantemente, observar a tendência para a posse, a tendência para o domínio, que está sempre a manifestar-se exteriormente, quer na vida profissional, quer no lar.

E por que existe essa tendência para a posse, na vida de relação ? É óbvio que, se não possuíssemos a pessoa que dizemos amar, sentir-nos-íamos frustrados, espoliados, ver-nos-íamos em presença de nós mesmos e de nosso vazio, nossa solidão. Assim, come-

çamos a possuir, começamos a dominar, e nos tornamos prêsas do ciúme. Como dizia, na vida de relação começamos a descobrir a nós mesmos; mas, se persistimos em possuir, em dominar outra pessoa, essa relação não se nos abre, não nos revela o nosso próprio processo.

A maior parte de nós não quer conhecer a si mesma. Mas essa é a condição essencial para compreendermos a nós mesmos. A maioria de nós teme conhecer, teme descobrir aquilo que somos — o feio e o belo, — como quer que seja. Por essa razão, fugimos de tal coisa e fazemos das nossas relações um meio de confôrto, um meio de segurança; e, assim, nunca chegamos a compreender-nos. O "eu" permanece para nós uma porta fechada, enquanto buscamos o confôrto na vida de relação. E é dêsse desejo de confôrto que se originam tôdas as complicações da vida de relação — o domínio, o ciúme, as discriminações, o amar a um mais que a outro, o querer tornar o amor impessoal, o querer ser desapegado, etc. etc. Só há transformação possível quando se compreende a vida de relação. Só aí há a possibilidade de têrmos uma mente tranqüila, uma mente que não foi obrigada a ficar tranqüila, mas que *está* tranqüila, em virtude da compreensão.

Assim, o importante é a intenção de descobrir-se, na vida de relação, "o que é", o que realmente *é*. E no compreender "o que é", sem condenação, sem justificação, dá-se-nos a possibilidade de transcendê-lo. É essa capacidade de encarar, com tôda a clareza, "o que é" — o ciúme, a ambição, a ganância, o que quer que descubramos na vida de relação; é essa capacidade de o encararmos e nos mantermos em sua presença, sem nenhuma tendência para a condenação nem para a supressão, sem nenhuma tendência para a

fuga, que nos dá a possibilidade de transcender "o que é". E é só então que se torna possível uma transformação radical.

A virtude, portanto, é aquêle estado que se manifesta depois de têrmos transcendido "o que é". Mas êsse transcender, êsse passar além do "que é", não pode realizar-se se fazemos esfôrço para *ser* algo. É isso, afinal de contas, o que todos nós estamos tentando, não é verdade ? Todos queremos ser alguma coisa — queremos ser mais virtuosos, mais religiosos; queremos aproximar-nos mais da verdade; ou somos ambiciosos, mundanos, etc. Queremos sempre ser algo. Queremos mais compreensão, mais felicidade, mais sabedoria. O próprio desejo de ser algo é a negação do "que é". Se desejo ser alguma coisa, não estou compreendendo o que sou. Para compreender o que sou, preciso compreender êsse desejo de ser algo, êsse desejo de "vir a ser". Por que queremos ser diferentes do que somos ? Se nenhum esfôrço faço para ser algo, levar-me-á isso ao contentamento, àquela estagnação falsa, respeitável ? É esta a razão por que desejamos ser algo ? Ou é porque não queremos encarar o que somos e, por conseguinte, o nosso desejo é um processo de fuga do "que é"? — nosso constante desejo de ser algo, com tôda a agitação, confusão, luta, esfôrço, a êle inerentes, é uma fuga do "que é", uma fuga para longe de nós mesmos. E enquanto não compreendermos a nós mesmos, e ficarmos apenas a fugir do "que é", estaremos a criar mais conflitos e maiores sofrimentos. E, se pudermos perceber isso, se pudermos perceber a futilidade de "vir a ser" alguma coisa, de procurar alcançar algo, psicològicamente, virá então um estado em que nos contentaremos com o que é. É só então, quando não há luta com o que é, quando não há esfôrço para transformá-lo noutra coisa, é que

há a possibilidade de compreendê-lo. Mas, enquanto estivermos empenhados em modificar, em transformar "o que é", não há possibilidade de transcendê-lo. Descobrir o que é, contentar-se com "o que é", não significa estagnação; pelo contrário, estar contente com o que é constitui a ação mais eficaz que pode haver; ela não produz confusão e não cria inimizades. Há tanta inimizade e tanta confusão neste mundo, tanto sofrimento; e se desejamos levar a efeito uma transformação radical, precisamos começar em nós mesmos, começar a compreender "o que é", permanecer na sua presença e observá-lo, sem desejo de sublimá-lo, alterá-lo ou modificá-lo. E tal não é possível quando só cuidamos de rejeitar "o que é", dando-lhe um nome; porque a circunstância mesma de lhe darmos nome é um processo de condenação ou aceitação. Mas, se não damos nome ao "que é", opera-se a sua transformação; e com essa transformação vem o contentamento — não o contentamento resultante de uma aquisição, não o contentamento inerente ao ter ou possuir alguma coisa, ou ao alcançar um resultado, mas o contentamento que vem quando não há mais conflito; porque é o conflito que cria o descontentamento. E o conflito não é criador, e não pode trazer a compreensão. O conflito é desnecessário na vida; e o conflito só acaba quando somos capazes de compreender "o que é".

A compreensão do que é vem quando estamos de todo libertos da mentalidade de condenação, justificação ou identificação. E, como já apreciamos há dias, a condenação só se faz notar quando existe o analista, o examinador, o observador. Entretanto, o observador e a coisa observada constituem um fenômeno conjunto; e essa unificação, essa integração entre o observador e a coisa observada, só se verifica quando

não existe a tendência à condenação, à justificação ou à identificação, ou seja quando estamos livres dêsse condicionamento que é o "eu", o "meu". Só nessa libertação temos a posssibilidade de responder de maneira nova ao desafio. A vida é um processo de desafio e reação; e tôda vez que a reação é inadequada, dá-se conflito. A insuficiência da reação só pode ser preenchida pela compreensão do processo das relações. E, ao compreendermos cada vez melhor o processo da vida de relação, que é o processo de mim mesmo em ação, dá-se a possibilidade de a mente estar quieta. Uma mente que não está tranqüila — seja porque está empenhada em adquirir saber ou entregue à ganância, seja porque está interessada em tornar-se algo, agora ou mais tarde — uma mente nessas condições, evidentemente, é incapaz de descobrir; porque, para descobrir, é preciso liberdade. E enquanto a mente está empenhada em ser alguma coisa, não pode haver descoberta alguma. Só na liberdade é possível o descobrimento, e a liberdade é virtude; porque a virtude dá liberdade. Mas o lutar por tornar-se virtuoso não é liberdade; é outra maneira de vir a ser, e que significa expansão do "eu".

A virtude, pois, é a negação do "vir a ser"; e essa negação só ocorre na compreensão do "que é". E uma vez realizada, pelo autoconhecimento, essa transformação radical, tem-se a possibilidade de viver criadoramente. Porque a verdade não é uma coisa alcançável pelo esfôrço, não é um fim; não é para ser conquistada. Ela se manifesta de momento a momento. Não é o resultado de conhecimentos acumulados e armazenados, que é simples memória, condicionamento, experiência. Mas a verdade se manifesta de momento em momento, quando a mente é capaz de libertar-se de tôdas as acumulações. Porque, quem acumula é o

"eu", e êle acumula para se impor, para dominar, para expandir-se, para preencher-se. Só com a libertação do "eu" pode a verdade manifestar-se — não como um processo contínuo, mas para ser descoberta momento por momento. Nessas condições, a mente, para descobrir, precisa estar renovada, vigilante e tranqüila.

PERGUNTA: *De que maneira posso ajudar-vos na vossa obra?*

KRISHNAMURTI: É minha obra ou é vossa obra? Se é minha obra, ireis então tornar-vos propagandista. E os que fazem propaganda são incapazes de ensinar a verdade; porque são meros relógios de repetição, não sabem o que dizem. Podem ter um bom conhecimento de frases engenhosas, de lemas, de chapas, mas são incapazes de descobrir o que é verdadeiro. E os mais de nós somos dirigidos pelos propagandistas; porque vivemos quase exclusivamente de palavras sem muita significação. Aceitamos com facilidade as palavras — palavras, tais como democracia, paz, comunismo, Deus ou alma. Nunca investigamos essas coisas. Nunca passamos além das sensações transitórias evocadas pelas palavras. Nessas condições, se sois apenas um propagandista, ou se viveis apenas de propaganda, estais incapacitado para encontrar aquilo que é eterno. E sem o descobrimento da verdade torna-se a vida aborrecida e dolorosa.

Assim sendo, não estais aqui para fazer o *meu* trabalho, não estais aqui para ajudar-*me*. Estais aqui para descobrir a vós mesmo, assim como sois, para compreender a vós mesmo; porque, sem compreensão de vós mesmos, não tendes base para a ação, não tendes base para pensar corretamente. Não estais,

pois, aqui para fazer o meu trabalho, mas para compreender-vos. E qualquer coisa que compreenderdes, em vós mesmo, é, por êsse momento, a verdade. E êsse descobrimento só pode ser feito nas relações de cada dia, — e nas relações entre vós e mim, enquanto eu falo e vós escutais, e na maneira *como* escutais. Se escutais com preconceito, se escutais escorado no fundo de experiências, nas vossas condenações, preconceitos, pró ou contra, não estais então escutando: eu e vós não estamos em relação. Mas, se escutais com o propósito de descobrir algo a vosso respeito, de descobrir a vós mesmo, em relação com outros, isso, então, é *vosso* trabalho e não o meu trabalho. Pois, nesse caso, já que estais à procura da verdade, não sereis um mero propagandista. Não vos preocupa, então, convencer a outro, converter a outro para o vosso credo, não estais procurando reformar a outro, ou querendo induzí-lo a entrar no vosso grupo, na vossa sociedade. Pois, em tal caso, vós e vossa crença não tendes importância alguma. Mas o homem que é portador de uma crença, êsse homem é importante, porque a crença com que está identificado lhe dá essa importância. O homem que está procurando o verdadeiro autoconhecimento não está fechado numa crença; não está encurralado em nenhuma sociedade, nenhuma organização, nenhuma religião. Por conseguinte, o que interessa não é o *vosso* trabalho nem o *meu* trabalho. O que interessa é a descoberta da verdade; e o descobrimento da verdade não é uma coisa que vos pertença ou que me pertença.

Assim, visto que não se trata de trabalho meu, porém vosso, muito importa a maneira como o desempenhais, a maneira como considerais a estrutura integral da vossa vida. É disto que estamos tratando — de perceber essa coisa, de perceber a estrutura do

vosso ser, para, assim, realizar uma transformação. A própria percepção do "que é" traz uma transformação radical. Mas se estais a escutar com o propósito de vos moldardes ao que estou dizendo, sereis então um mero propagandista, sereis então um crente: e criareis inimizades e discórdias. E sabe Deus quantos grupos, quantas crenças há por êste mundo, a disputarem umas com as outras, a brigarem por causa de dinheiro, pela angariação de adeptos, por esta e aquela tolice. Mas o homem que está à procura do autoconhecimento, não cria inimizade; porque êsse homem é sincero, leal consigo mesmo, leal em relação com "o que é".

Mas o que realmente importa nessa questão é deixardes de ser propagandista e experimentardes diretamente — não por meio de um livro, não por intermédio de terceiros, não através de vossas ilusões e enganos — mas, sim, que experimenteis a verdade diretamente, por vós mesmo, momento por momento. E essa percepção da verdade é o processo da libertação. Traz alegria à vida, traz a claridade, e uma vitalidade que não depende de nossas disposições de cada momento.

Trata-se, pois, de *vossa* obra, e vossa obra começa no autoconhecimento.

PERGUNTA: *Tôda forma de atividade significa fuga? O servir a humanidade, na hora da maior necessidade, isso também é fuga? A expressão criadora do indivíduo não constitui uma maneira de resolver o conflito interior?*

KRISHNAMURTI: Que se entende por atividade e fuga? Aquêles de nós que estamos verdadeiramente conscientes, bem sabemos que estamos extra-

ordinàriamente embotados, extraordinàriamente vazios. Temos uma grande soma de conhecimentos, de coisas ditas por outros, de coisas escritas por outros. Lemos, escutamos, procuramos copiar, imitar. Mas, dentro de nós, somos como nada: vazios, insuficientes, pobres, solitários, impelidos como uma fôlha. E para fugir a isso, para fugir a êsse sentimento de profundo temor, à corrosiva ansiedade da solidão, fazemos tôda sorte de coisas, entregamo-nos a atividades de tôda ordem, atividades religiosas, políticas, científicas, etc. E essa fuga de nós mesmos é chamada atividade. E' mesmo atividade ? E' movimento, é agitação, é o querer fazer algo, porque, se ficais a sós com vós mesmo, sentireis aquela solidão. Por isso ligais o rádio, apanhais um livro, ou correis para alguém, ou chorais quando êsse alguém parte ou morre, porque ficais a sós com vós mesmo.

Assim, sem se compreender êsse vazio, sem o compreenderdes de maneira profunda, completa, como podeis servir a humanidade ? Que é a humanidade ? Sois vós e os outros — não é verdade ? — vós e vossa espôsa, vós e vosso vizinho — o mundo imediato em que viveis, e não o mundo russo nem o mundo hindu. Se não existe, aí, a compreensão, se há conflito, sofrimento, luta, ciúme, inveja, como podeis ajudar a humanidade em geral ? Isso não tem sentido, tem ? E' meramente uma frase para o explorador, para o conferencista profissional.

Está visto que sem compreenderdes a vós mesmo, sem observardes tôdas as vossas atividades — vossas fugas, o processo de encobrir a vossa própria fealdade, vossa pobreza, vossa luta; o interêsse pelo Mestre, o interêsse pela virtude — qualquer dessas atividades conduz, forçosamente, à confusão e inimizade. Tôda atividade se torna fuga, se não compreendeis a

vós mesmo. Mas a compreensão de vós mesmo não decorre do isolamento, da cessação da atividade. A atividade, evidentemente, é relação, é ação na vida de relação; e se qualquer coisa que descobris, nessa ação, é evitada, posta de lado, coibida, isso fatalmente há de criar malefícios e sofrimento. Mas se na ação, que é relação, vós descobris o que sois — a mesquinhez, a superficialidade, o esnobismo, o impulso de domínio, etc. — e *ficais* com isso que sois, daí resultará ação, uma ação de todo diferente da atividade de fuga. Essa ação é libertadora, criadora. Não é o resultado de movimento egocêntrico.

Deseja o interrogante saber se a expressão criadora individual não constitui uma maneira de resolver o conflito individual. Isto é, se tendes conflito, ide pintar e esquecei-o, libertai-vos através das côres, libertai-vos pela ação, escrevei um poema, ide dar um passeio, escutai um concerto, tomai de um livro, ide à igreja, pensai no Mestre, servi a humanidade — fazei alguma coisa. Isso porá fim ao conflito ? Isso resolverá a luta, o sofrimento ? Podeis, como cientista, ser criador, no vosso gabinete, no vosso laboratório. Ou podeis pintar criadoramente. Mas isso resolverá o conflito ? Nesse momento de expressão criadora podeis escapar do conflito ou deixá-lo de lado. Mas, na hora em que o vosso trabalho está concluído, de novo vos vêdes no mesmo lugar onde estáveis, não é verdade ? Podeis ser cientista, mas no momento em que saís do laboratório sois um ser humano comum, — não é certo ? — cheio de preconceitos, de nacionalismo, de mesquinhez, de ambição e tudo o mais. Podeis, idênticamente, ter momentos de compreensão criadora, de expressão criadora — e, então, pintais. Mas, no momento em que largais o pincel, sois de novo vós mesmo.

Por certo, nenhuma forma de ação pode ajudar-nos a pôr têrmo ao conflito, atividade de espécie alguma resolverá o conflito. O que resolve o conflito é *ser* o conflito, integralmente; e não podeis estar em relação direta com o conflito, quando estais procurando escapar a êle. E uma das muitas maneiras de escapar é condená-lo, justificá-lo, suprimi-lo, sublimá-lo, substituí-lo. Mas, se nada disso fazemos, porém, simplesmente, vivemos com o conflito, ficamos cônscios dêle, sem critério de escolha, então o conflito, por si mesmo, nos revelará o seu significado, o seu conteúdo, — e só depois de revelado o conteúdo do conflito, nos libertamos dêle.

Portanto, uma mente que está fugindo, é incapaz de olhar o que é, com tranqüilidade. Podeis colocar a fuga em qualquer nível — bebida, um templo, cultura ou sensação. Enquanto a atividade fôr mera fuga do "que é", gerará constrangimento e inimizade. Mas, se houver compreensão do "que é", então haverá libertação, o que trará sua própria ação; e essa ação é inteiramente diferente da atividade de fuga.

PERGUNTA: *Podeis dizer o que quiserdes, mas sempre houve e sempre haverá chefes, guias, Mestres, instrutores. Vós mesmo sois um dêles. Porque negais êsse fato evidente, criando em nós um novo conflito?*

KRISHNAMURTI: Pode haver chefes, guias, Mestres, mentores, mas isso nenhuma importância tem; o que tem importância é o *porquê* necessitais dêles. Se começarmos a discutir sôbre se há ou não há Mestres, guias e mentores, ficaremos parados numa questão de opinião e de experiência — disso que

chamamos experiência, mas que, em verdade, é uma reação projetada de nós mesmos. Mas importa realmente descobrir porque reclamais chefes, guias, porque seguis instrutores, porque venerais os Mestres, porque obedeceis aos gurus ou aos guias. Nessas condições, se fordes capaz de descobrir porque os desejais, porque necessitais dêles, pode-se então começar a resolver o problema.

Necessitais dêles, direis, porque estais confuso: não sabeis a direção que deveis tomar. Precisais de um refúgio, um confôrto, uma muleta, precisais escorar-vos em alguém; precisais de um pai glorificado, de uma mãe glorificada; precisais de alguém que vos diga o que deveis fazer, alguém que vos dê um padrão de ação, um código; alguém que vos infunda coragem, que vos chame maravilhoso ou vos diga que estais progredindo. Tudo isso se resolve num fato muito simples: que estais em conflito e confusão, que há em vós sofrimento e luta, e infelicidade irremediável; que estais cativo da rotina diária das vossas fastidiosas relações. E, assim, ou criais um mundo romântico de supercultura, ou, visto que estais em confusão, desejais alguém que vos ajude a dissipar a confusão.

Por outras palavras: vós estais confuso, sentis-vos infeliz, e desejais auxílio por parte de outra pessoa, para dissipar essa confusão. Que fazeis então? Quando, forçado pela confusão, vós escolheis um guia, um *guru*, ou um Mestre, êsse guia, êsse *guru*, êsse Mestre, há de estar também confuso. Há necessidade de escolher alguém quando estais na claridade? Quando estais na claridade, não há nada que escolher; não se apresenta a questão de exigir, pedir, ou procurar um guia. Só quando estais em confusão procurais um guia, um instrutor — e não quando sois feliz, quando tendes alegria, nem quando estais de

todo esquecido de vós mesmo. Só quando estais a sós com vós mesmos, vossos sofrimentos, vossos conflitos, e desejais fugir — é só então que vos pondes a procurar um guia, e a vossa confusão determina a vossa escolha. Por conseguinte, o que escolherdes tem de ser também confuso. Por essa razão, estão confusos os vossos dirigentes, tanto políticos como religiosos.

Desejais, pois, alguém que vos ajude a sair de vossa confusão. Em outras palavras, quereis fugir da vossa confusão. E quem vos ensinar a maneira de fugir, a êsse vós adorais ou converteis em vosso guia. Mas o que vós fizestes, a confusão que criastes, é resultado de vós mesmo, produto de vosso ambiente, vosso fundo de experiências, vossa educação, vossas influências sociais e ambientes. Visto que sois vós mesmo a causa de tôda essa confusão, de nada adianta vos pordes a fugir ou a procurar alguém que vos socorra. Compete-vos esclarecer a confusão por vós mesmo. Mas, como êsse trabalho é penoso, preferis ser romântico, sentimental. E, por isso, andais à caça de *gurus*, de Mestres, e criais a discórdia entre o crente e o não crente. Enquanto, ao contrário, o estar bem cônscio de vossa confusão, o perceber tôdas as suas complexidades, suas sutilezas, sua estrutura, o compreender aquêle que cria a confusão: confusão em relação com as coisas, com a propriedade, com as posses; confusão em relação com as idéias: o que se deve crer e o que se não deve crer, o que é verdadeiro e o que é falso — o estar cônscio de todo êsse processo, não apenas no nível superficial da mente, mas nas suas profundezas ocultas, isso exige uma grande atenção, uma grande vigilância. Não precisais de instrutor algum, nem de mim. Pelo contrário, qualquer instrutor que escolherdes vos enganará, porque

vós quereis ser enganado. Mas o que de fato importa é que observeis atentamente êsse processo de confusão, e que estejais consciente dêle nas vossas relações. No próprio percebimento do "que é ", na percepção mesma dêsse processo de confusão, há liberdade.

Por se tratar de um problema nosso, vosso e meu, eu e vós precisamos clarificá-lo, e não outra pessoa. Precisamos ser uma luz para nós mesmos, em vez de pedirmos a luz de outrem. Não somos velas para ser acendidas por um salvador. Criamos esta confusão no mundo, a qual é o produto de nossa própria confusão, e não podemos esclarecê-la, a não ser que comprendamos a nós mesmos. Para compreender a nós próprios, não temos necessidade de Mestre algum. O Mestre vos desviará do rumo certo — porque o Mestre que escolheis é projetado de vós mesmo. Para clarificar essa confusão, tendes de observar a vós mesmo na vida de relação, que é ação, precisais estar consciente de vós mesmo, em ação, nas vossas relações, momento por momento, observando cada palavra, cada pensamento, sem desfiguração, sem condenação, olhando-o simplesmente, assim como olhais para uma criança que amais e que desejais compreender. Nisso há liberdade. Aí não mais estareis criando confusão. Só aparece a confusão quando há um centro — o centro do "eu" e do "meu", das lembranças acumuladas, das experiências, frustrações e temores. Mas, não existindo êsse centro, que necessidade há de mentor, de Mestre, de guia ?

O relevante não é saber quem é o mentor nem quem é o guia, mas, sim, compreender a nós mesmos, porque isso é que traz felicidade, isso é que traz a

alegria criadora. E essa alegria, essa felicidade suprema não é coisa que se aprenda de um Mestre. Podeis aprender as palavras, podeis aprender a técnica; mas a técnica não é a coisa, a técnica não é o real. Por meio de uma técnica não podeis experimentar. Experimentar é um estado no qual não existe o "eu". O "eu" é a técnica, o "eu" é o caminho pelo qual chegamos a um resultado, um ganho, ou pelo qual chegamos a uma negação; e o "eu" não pode jamais achar-se em estado de experimentar. Afinal de contas, quando estais experimentando alguma coisa, não há consciência do "eu". Mas o "eu" existe quando temos a consciência do centro, que pede, que nega, que cria confusão. Essa consciência é um estado de experiência no qual há o processo de dar nome às coisas e registrá-las. Mas, se não existe o agente que registra, isto é, o "eu", há apenas o estado de experimentar, e êsse experimentar do real não é possível sem o autoconhecimento. Sem conhecerdes a vós mesmo, seguir a outro — seja êle o que fôr, guia político ou guia religioso — conduz à ilusão, à destruição, à miséria.

O que importa, pois, não é descobrir porque criastes os guias, os Mestres, não é descobrir se êles existem ou não, se sua existência é real ou não: mas, sim, importa saber porque os seguis, porque lhes dais ouvidos, porque os adorais. Renegais a idolatria e, no entanto, isso é uma forma de idolatria. Repelis os ídolos feitos pela mão, as imagens esculpidas; mas as imagens esculpidas pela mente, essas vós adorais. Tudo isso são fugas de vossa própria insuficiência, de vossa miséria, e êsse conflito só sereis capaz de compreendê-lo no encontro com vós mesmo na vida de relação, que é ação.

PERGUNTA: *Qual é a verdadeira simplicidade?*

KRISHNAMURTI: Para se compreender uma pergunta desta natureza, precisamos não apenas considerá-la no nível verbal, mas também experimentá-la diretamente. Talvez possamos experimentar, ao menos por alguns minutos, o que há nesta questão. Embora eu vá falar a êsse respeito, exprimir-me verbalmente, a fim de transmitir-vos o meu pensamento, podemos, contudo, descobrir o que é a verdadeira simplicidade, e experimentá-la. E' o experimentar que tem vital importância, e não o mero escutar de palavras.

Pois bem; qual é a verdadeira simplicidade? E' óbvio que, para o averiguarmos, precisamos entrar nesta questão negativamente; pois as nossas mentes estão repletas de concepções positivas a respeito do "que é", de acôrdo com o dicionário, a Bíblia, os livros religiosos, etc. etc. Mas tudo isso é mera imitação, mera aproximação. Não é simplicidade. Há um fato bem óbvio: tôda mente que está atulhada de conclusões não é uma mente simples. Assim sendo, só é possível compreendê-la pelo processo negativo.

A simplicidade, pois, não começa com a tanga. Possuir apenas umas poucas coisas essenciais, não é índice de simplicidade. A renúncia e o seu efeito, que é o orgulho, não significam simplicidade. Não existe simplicidade enquanto está a mente procurando alcançar um resultado, enquanto está no processo de vir a ser, enquanto está empenhando esforços, negativa ou positivamente — para ser ou para não ser. Pensamos que a simplicidade consiste principalmente em ter poucas posses. É cômodo ter poucas coisas, está visto; quando viajamos, quanto menos bagagem,

melhor. Mas isso não é virtude; não vos tornais simples por causa disso.

Simplicidade, para a mente, é estar livre da crença, estar livre da luta pelo "vir a ser", é permanecer com "o que é". E a mente que está atravancada de crenças, de lutas, de esforços, no empenho de alcançar a virtude, essa mente não é simples. Infelizmente, porém, estamos habituados a adorar a expressão exterior da simplicidade; porque já enchemos as nossas vidas, por tal maneira, com coisas, propriedades, móveis, livros, roupas, — que consideramos digno de adoração aquêle que renuncia a tôdas essas coisas; consideramo-lo uma pessoa maravilhosa e simples, um santo. Ora, isso não é simplicidade. Só há simplicidade quando o "eu" está ausente. O "eu" está presente sempre que há o desejo de *ser*, positiva ou negativamente; e o desejo de ser gera a complexidade, a confusão. Assim, porque sentimos temor, fugimos dessa confusão, dessa complexidade e sofrimento, adorando a simples expressão exterior, consistente em ter poucas coisas. Positivamente, o homem que renunciou a êste mundo, mas vive num mundo de idéias e crenças, de ocultos impulsos e ambições secretas, que arde em desejos, êsse homem não é simples, êsse homem não é santo. Só existe simplicidade quando não existe o desejo de *ser* algo, positiva ou negativamente; porque, aí, o "eu" está ausente, não está identificado com coisa alguma — uma nação, um grupo, uma determinada ideologia ou dogma religioso. Se êsse "eu" está de todo ausente, há então simplicidade, a qual se expressa no mundo da ação. Mas, copiar, imitar, querer ter poucas posses, e ter a mente povoada de idéias, de crenças, de desejos, paixões — uma vida assim não é a vida simples.

A simplicidade, portanto, só vem a existir no processo da compreensão de nosso complexo "eu", da estrutura de nosso ser. Quanto mais compreendo "o que é", e quanto mais ampla e profunda essa compreensão, tanto mais me liberto de conflitos e de sofrimentos. E essa libertação é que traz a simplicidade. Nela, a mente está quieta; não mais está pejada, não mais empenhada em alcançar alguma coisa. E assim como é tranqüila a superfície de um lago, assim também está a mente tranqüila depois de compreender todo o processo do esfôrço. E, na tranqüilidade da mente, manifesta-se o atemporal. O que não tem causa é simples, é a verdade. E a verdade não pode ser inventada por vós; porque vossas invenções, vossas fabricações da verdade têm motivação. Mas o que é verdadeiro não tem motivação. Deus não tem causa: Deus é. E para chegar àquele estado de tranqüilidade, precisa a mente ser extraordinàriamente simples, — não estar arregimentada, disciplinada, visto que isso é apenas servidão. Quando a mente é simples, nela desponta a suprema felicidade.

30 de outubro de 1949.

ÍNDICE

Perguntas e resumos de perguntas: